

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO I

Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1914

Nº 8

Grupo mantenedor : Bertholdo Klinger, Estevão Leitão de Carvalho, Joaquim de Souza Reis (redactores); Francisco de Paula Cidade, Mario Clementino, Lima e Silva, Parga Rodrigues, Jorge Pinheiro, Pompêo Cavalcante, Euclydes Figueiredo, Taborda, Amaro Villa Nova.

SUMMARIO

Editorial. — *Parte jornalística* : Desorganização militar. — Remonta do Exercito. — Batalha de Tuyuty. — Novas instrucções francezas para o alto commando. — A tactica de cavallaria. — Fabrica de cartuchos e artefactos de guerra do Realengo. — Estudo sobre metralhadoras. — Serviço de sapa em campanha para todas as armas. — Carta de um chim. — As verdadeiras causas das derrotas turcas na guerra dos Balkans. — Os campos de instrucção. — Tactica de artilharia de campanha. — Cartas Metz e Verny. — Efeito das armas, numero de baixas e custo da campanha na guerra dos Balkans. — Uma mobilização. — Apresentações. — Metralhadoras. — Livros novos. — Expediente.

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES


Redactores — Primeiros Tenentes : BERTHOLDO KLINGER, ESTEVÃO LEITÃO DE CARVALHO e J. DE SOUZA REIS

N.º 8

Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1914

Anno I

EDITORIAL



S jornaes de 8 de Abril ultimo estamparam telegrammas de Pariz com a noticia da publicação no *Temps* de uma correspondencia do Rio de Janeiro exaltando a obra dos officiaes francezes em S. Paulo e fazendo a propaganda da vinda de uma missão franceza para organizar o nosso Exercito.

A idéa de contractar para o Brazil officiaes francezes tem sido entre nós francamente defendida por certos conhecidos advogados administrativos, organisadores de syndicatos

franco-brasileiros, agenciadores de emprestimos e outras personalidades do mundo dos negocios para quem é profundamente indifferente a sorte do Exercito como a da propria Nação, e com que seria uma pilheria trocar siquer uma palavra sobre questões militares.

Alguns desses senhores visam attrahir as sympathias da alta finança franceza, para seus projectos promettendo fomentar as relações entre os governos dos dous paizes com a vinda desses instructores o que seria na opinião delles um formidavel cheque para os allemães cuja influencia no nosso meio militar culto é assaz conhecida na Europa. Outros têm em mente interesses mercantis mais directos; pensam, por exemplo, nas grossas commissões resultantes dos futuros contractos do governo brasileiro com as frabricas francezas de armamento e de artefactos militares.

O governo deve andar avisado contra o trabalho habil desses syndicatos, principalmente agora que o restabelecimento do nosso avariado estado financeiro depende da moralidade com que administrarmos a nossa vida interna, na opinião mesmo do grupo de banqueiros a quem recorremos para nos salvar de tantas loucuras.

E' consideravel o armamento que o governo brasileiro tem adquirido nestes oito ultimos annos. Parte d'elle abarrota o Departamento de Administração da Guerra, parte ainda se acha em via de fabricação na Allemanha. Essas avultadas encommendas têm custado sommas fabulosas, algumas dispendidas até sem autorização legislativa. Pondo de parte o formidavel erro technico que se commetteria em abandonar do dia para a noite um material de guerra inteiramente novo com o qual os nossos officiaes apenas começam a travar conhecimento, restaria a estupenda immoralidade de uma enorme despesa feita com a substituição de canhões e de fuzis intactos, apenas para dar lucros a certas pessoas influentes que fazem simultaneamente politica e commercio.

Não temos a mais leve dôr de cabeça em pensar que se pratique essa monstruosidade; mas se a boa fé do governo brasileiro for iludida pelos dytirambos do missivista do *Temps*, virá então a missão franceza e com ella os agentes das usinas de armas que irão aos poucos cavando a nossa ruina e enchendo as suas algibeiras.

O governo francez, como é aliás justissimo que o faça, encara a questão do contracto dos seus officiaes sob o exclusivo ponto de vista

dos interesses economicos do seu paiz. O que lhe importa é ganhar um novo mercado para o producto das suas fabricas com a extraordinaria vantagem de deslocar a industria allemã. Nós vamos apenas servir de theatro de operações para essa luta mercantil, pagando os custos da guerra. Se o Brazil viesse a ganhar com tal conflicto de interesses, seria absolutamente indifferente que delle sahissem vencedores allemães ou francezes; mas não é este infelizmente o caso.

A substituição de um armamento inteiramente novo, adquirido com grande sacrificio, não seria uma medida justificavel mesmo que se reconhecesse a sua inferioridade em face de outro. Que os canhões Krupp sejam inferiores aos canhões Schneider, a ponto de considerar mal armados paizes que como o Brazil possuem os primeiros, é uma dessas theses que nenhum profissional poderá defender. E' certo que no inicio da primeira guerra balkanica, no outomno de 1913, appareceram na imprensa européa alguns artigos de propaganda commercial pretendendo demonstrar que os suprehendentes triumphos dos bulgaros, cujos fundamentos eram todos moraes, foram devidos á superioridade da artilharia franceza. Tenham os nossos leitores a bondade de lêr o importante estudo — *A Allemanha e as derrotas turcas na imprensa allemã e estrangeira* — extrahido da *Revue internationale* de Dezembro de 1912 e cujas passagens mais interessantes appareceram transcriptas numa serie de artigos que sob o titulo a *Licção da Turquia* publicou a edição da tarde do *Jornal do Commercio* em Fevereiro de 1913. A leitura do mencionado estudo deixará o espirito do leitor tranquilo sobre o valor da artilharia Krupp e lhe dará atravez da autorisada opinião de profissionaes francezes e allemães um verdadeiro conhecimento das causas que determinaram o facil triumpho dos estados balkanicos ⁽¹⁾. O mallogrado Snr. Gaston Calmette, que pagou com a vida a sua notavel franqueza, umas vezes cortez e outras vezes rude, publicando um notavel

artigo a proposito dos desastres turcos, assim se exprimia no "Figaro" de 13 de Novembro de 1912: «Pelletan, com a experiencia que ninguem entre nós lhe póde contestar, demonstrou como a perniciosa politica de *coterie* e de inveja tinha dizimado o exercito turco antes da guerra; mas esta não é a causa unica da derrota; e nós não teriamos razão de nos vangloriar da superioridade dos canhões francezes dos Bulgaros sobre os canhões allemães, pois os Turcos ignorando os combates de artilharia quasi nunca se serviram delles».

Sem querer publicar neste momento completos esclarecimentos a respeito deste assumpto, estamos promptos a divulgar pelas nossas columnas qualquer estudo militar sobre a ultima guerra européa, oriundo de onde fôr, em que se chegue a conclusões oppostas.

Quanto ás pretendidas vantagens que um *systema* de armamento possa ter sobre outro é preciso que reflectamos que ellas nos devem em primeiro logar impressionar, quando dão aos nossos adversarios provaveis certa superioridade. Para qualquer lado porém que nos voltarmos no circulo das ameaças só encontraremos canhões Krupp e fuzis Mauser e sob este aspecto as duas maiores nações do continente estão no mesmo pé de egualdade. A victoria caberá a quem souber melhor empregar esses engenhos de guerra.

Naturalmente os apologistas da missão franceza, obscurecendo os motivos da sua campanha, apparentam attribuir á renovação dos armamentos uma importancia secundaria e para que os supponhamos muito interessados pelas reformas do Exercito não poupam "phrases de effeito e sem nenhum valor" para fallarem da excellente *organização militar dos francezes*.

A organização militar na França tem soffrido innumeras reformas nenhuma das quaes obedece a um plano continuo e nenhuma das quaes, mesmo a mais recente, offerece a menor garantia de estabilidade. E' difficil pois emittir com segurança uma opinião a respeito do exercito francez cujo valor é extremamen-

(1) Vd. tambem o artigo d'este n. : *As verdadeiras causas da derrota turca*.

te variavel. Em 1891 sob a presidencia Carnot elle attingiu o "summum de sa *valeur morale*" mas a partir d'ahi segundo o general Langlois, de quem são aquellas palavras, não obstante certos progressos tacticos e technicos, começou a decahir, através dos desastres da questão Dreyfus, para chegar em 1910 a um estado de reconhecida inferioridade em face do seu rival. (2)

E' possivel que ultimamente esse estado de cousas tenha melhorado mas é impossivel prever se as melhoras são definitivas.

De resto esta questão tem para nós uma importancia de 2ª. ordem, pois as organizações militares não são artigos de importação e cada paiz possue aquella que melhor convém ás suas proprias condições. Aqui no Brazil, por exemplo, não é por ignorancia da organização militar que nos convem que ainda nada se fez, mas não se fez nem se fará nada tão cedo enquanto durar a crise profissional e moral que nos assoberba, pois nos falta justamente a competencia e sobretudo a vontade para a execução pratica de uma serie de idéas muito sabias que jamais conseguem sahir do papel.

Temos urgente necessidade de recorrer ao estrangeiro para ir buscar mestres militares que se encarreguem da organização technica do nosso exercito e nos ensinem a preparar a guerra com os elementos nacionaes. *Nós não queremos instructores para exhibir batalhões nas paradas, queremos estrategistas e tacticos que venham para o nosso Estado-Maior* emprender a obra de um Meckel no Japão e de um Körner no Chile e que se *apoderem das escolas militares* com intuito de fazerem, dos nossos officiaes, soldados sadios de corpo e de espirito e não românticos bachareis, mais preocupados com o advento das seitas philosophicas do que com o destino dos exercitos nas batalhas.

Quando tivermos afinal de nos decidir pela potencia militar que poderá fornecer esses elementos de organização do nosso exercito será preciso por de lado qualquer preocupação que não seja exclusivamente te-

chnica pois é esta estritamente a natureza da missão de que os officiaes estrangeiros serão encarregados no Brazil.

As afinidades de temperamento e de raça não podem constituir de forma alguma motivo de preferencia e ao contrario é de desejar que outros methodos cerebraes de estudo e de trabalho suplantem o espirito de chicana, a inconstancia e o *laisser-aller* que entre nós deitam a perder os empreendimentos mais sérios.

A Republica Argentina que mantem com a França relações espirituaes, economicas e financeiras muito mais intensas do que nós, recorreu á Allemanha para organizar o seu exercito e ainda hoje mantém officiaes allemães nas suas escolas e no seu Estado Maior. Não nos consta que o germanismo do Estado Maior argentino tenha embaraçado as operações financeiras dos nossos vizinhos na bolsa de Pariz, como os agiotas, que fazem pelo telegrapho a propaganda da missão franceza propalam que nos acontecerá se formos a Berlim buscar os nossos futuros professores militares.

Mas, voltemos ao ponto de vista militar, tão secundario para os negociastas.

Se em assumptos de organização militar o exercito francez está longe de ser um modelo, pelas lacunas que seus mais autorizados generaes não cessam de apontar e dos quaes um exemplo bem significativo está nas recentes palavras do Ministro da Guerra, estranhando em pleno Parlamento que o *exercito francez ainda não possua um estado maior*, é tambem necessario que digamos que esse mesmo exercito ainda não se acha em condições de servir de escola da arte militar, para os exercitos em via de formação como o nosso.

Em materia de tactica o exercito francez apenas agora começa a perfilhar principios, que foram em parte causa das victorias allemãs de 1870 e que um simples fähnrich allemão não desconhece, quanto mais qualquer um dos officiaes do grande exercito em que temos ido beber os mais fecundos ensinamentos. E' digna de menção a esse res-

(2) Vd. Langlois *Notre Situation Militaire* "Revue des Deux Mondes" de 15 de Outubro de 1907 e Culmann *L'armée Française et l'armée allemande en 1910*.

peito a recente transformação do regulamento de manobras da artilharia de campanha franceza que representa um triumpho das idéas alemãs sobre o emprego technico e tactico dessa arma e em outro lugar desta revista os nossos leitores encontrarão um resumo do novo regulamento «*Conduite des grandes unités*» que é por sua vez uma consagração das doutrinas allemãs sobre o emprego tactico das tropas para a batalha. A evolução actual das idéas tacticas em França pôde ser caracterizada por estas palavras. *o exercito francez se germanisa.* Não sabemos pois porque ainda se hesita entre a fonte original dos maiores progressos militares e a sua copia timida e indecisa, quando se pensa na escolha de officiaes estrangeiros para virem nos ensinar a moderna arte da guerra.

Souza Reis

Desorganisação militar

MUITO batida está essa cançada tecla da nihilidade total dos numeros com que se enleva e se compraz a nossa embryonaria organização militar.

Si a situação d'ahi resultante é de um desalento avassalador, valha-nos ao menos a constatação de que ainda apparece quem não tenha de todo perdido a esperança de fazer-se ouvir um dia.

Em todos os tons da vasta gama das lamentações, exprobações e apellos tem sido narrada a nossa indizível penuria militar, que parece proporcional ás distancias a que as guarnições se acham da Capital Federal. Para a infantaria e a artilharia esse decrescimento centrifugo como que obedece ainda á proporcionalidade do quadrado dos numeros dos regimentos.

Ainda agora um distincto official recém-chegado da longinqua e abandonada XIII Região Militar confirma tudo quanto de triste é de toda a gente sabido, respeito áquella inditosa porção geographica da communhão brasileira.

Forte novidade! dirá com seus botões o leitor amigo. Onde e quando já constou que alguém houvésse sériamente pensado no remedio? Onde a vontade energica, mais que o pulso firme, de passar uma esponja patriotica n'aquelles altos numeros vãos, de regimentos e de brigadas estrategicas,

de quando em quando pinguentemente borri-fadas pelos desterrados a prazo fixo e por indisciplinados?

Assim é que o segundo-tenente em questão chegou a exercer cumulativamente **quatorze** funções no seu regimento: ajudante e secretario do regimento, ajudante dos tres batalhões, e commandante das nove companhias do regimento! Um ingenuo ou leigo que ouvisse essa narração não se conteria: mas, Senhor, se organizar regimentos é assim, então porque razão o governo não «crea» mais unidades? Seria tão bonito que tivessemos p. ex. a 9ª companhia do 90º Batalhão do 30.º Regimento...

Accrescenta o official que durante os quatro annos que passou na região nunca commandou menos que quatro companhias.

Peor ainda é a situação do 5.º R. A.: Cdt. um major de infantaria, fiscal um 1.º tenente de cavallaria, tres tenentes de infantaria cdtes. de grupo, e um accumulando o resto (ajudante e secretario do regimento, ajudante dos 3 grupos e cdt. das 9 baterias).

Relativamente, a situação do 4.º R. A., no Rio Grande do Sul, nada tem de melhor: sua officialidade consta actualmente de 4 officiaes superiores, 2 capitães e 4 tenentes.

O 3.º R. A. em Cruz Alta, e o 2.º em Coritiba não estão em melhores condições, e o proprio 1.º Regimento, cuja proximidade d'esta capital, bem como as constantes promptidões poderiam deixar suppôr que tem valor real, está abaixo das mais modestas exigencias dos officiaes arregimentados ciosos de suas verdadeiras funções.

Só uma torpe hypocrisia como a que atacou a noticia que sob o titulo «Ignorancia, não» demos no n. 3, poderá pôr em duvida a veracidade d'essas informações, ou mesmo emprestar-lhes simplesmente o caracter de casos excepcionaes. Infelizmente são casos veridicos e geraes. E com as aggravantes de «vencimentos pagos muitas vezes com trez mezes de atraso, velho quartel sem conforto, sobre-carga de serviço» comprehende-se que «não fosse o desejo que nos anima de cumprirmos o dever tudo nos levaria a cahirmos no *menfichismo*.»

* * *

Mais uma vez evidencia-se a necessidade de recuperarmos o senso commum, que

delle não é differente o senso militar, adoptando decididamente as medidas tantas vezes apontadas, para que o Exercito reconquistasse emfim a confiança da Nação que ora tão justamente lhe fallece :

Organisação divisionaria, começando immediatamente pela divisão do Rio de Janeiro e proseguindo successivamente pelo Rio Grande do Sul e Paraná - S. Paulo, á medida que os nossos recursos permittirem dar-lhes effectivos normaes e desistindo das custosas creações sem a minima significação militar, nascidas em vaidosas penhas por amor apenas do numero vasio que a ninguem illudem e só servem para desmoralisar a força armada ; *recrutamento regional*, e não « universal », desigualmente repartido pelo territorio e encarecido pelos transportes ; *fixação das epocas de incorporação dos voluntarios e de exclusão*, em vez das irregulares sahidas e entradas durante o anno todo ; finalmente *sorteio* afim de estabelecer justiça no prehenchimento dos claros na paz e na guerra e *formação das reservas* até aqui burladas pelos engajamentos e pela readmissão voluntaria de reservistas, *touristes* de nova especie em excursão perenne por varios corpos e por armas varias.

Klinger.

Remonta do Exercito

A MAIS BELLA conquista do homem é a deste altivo e fogoso animal que partilha com elle as fadigas da guerra e a gloria do combate ; tão intrepido como seu dono, o cavallo vê o perigo e o affronta ; tão docil quanto corajoso, elle obedece á mão que o guia, e conforme as impressões que recebe, elle se precipita, modera-se ou para. E' uma creatura que renuncia ao seu *ser* para só existir pela vontade de um outro (Buffon, obras completas, 3ª edição),

Na vida dos exercitos, o cavallo é indispensavel a todas as armas ; nenhuma dellas dispensa os seus serviços, para sella, tracção ou carga ; por isso o numero de cavallos necessarios para uma campanha é extraordinario, o que obriga as nações a cuidarem com o maior carinho da remonta de seu exercito.

E esta só está assegurada quando póde ser feita dentro do territorio nacional.

Nas circumstancias particulares de nosso paiz, com poucas estradas de ferro e vastas planicies nas regiões do sul, não só teremos necessidade de numerosa cavallaria, como de

grandes comboios para abastecimento da tropa, quer em viveres, quer em munições.

Napoleão escrevia, em 1806, ao rei de Naples : « Estou nos confins da Polonia, e é com cavallaria que se faz a guerra neste paiz », e ao principe Eugenio ; « E' aqui que a cavallaria é necessaria, no meio das immensas planicies da Polonia ».

Em outras cartas de sua correspondencia militar, elle queixava-se de que as marchas e as batalhas destruiam um numero muito grande de cavallos, calculando que, em geral, para cada homem de cavallaria, morto ou ferido, havia a perda de 3 ou 4 cavallos.

Nós já tivemos abundancia desses preciosos animaes, principalmente no Rio Grande do Sul ; a falta, porém, de selecção e de cruzamentos, bem como dos cuidados indispensaveis causou tal degeneração, que pouco a pouco tornou-se difficil encontrar cavallos capazes do serviço militar ; ao mesmo tempo, razões economicas fizeram preferir a criação do gado vaccum.

A situação tornou-se interessante : os criadores não queriam melhorar a raça dos seus cavallos porque os preços que lhes offereciam eram insignificantes, e o Governo não augmentava os preços da remonta porque os cavallos que encontrava não satisfaziam as exigencias do serviço.

Resultou disso recorrer-se aos paizes vizinhos para aquisição de remonta ; erro enorme, imprevidencia completa, porque se recorria a vizinhos que, por sua situação geographica podem ser nossos adversarios, e iniciava-se um processo que, generalizado, destruiria a industria da criação cavallar no paiz, e é claro que, num caso de guerra, só poderíamos contar com esses mesmos recursos que havíamos destruido.

Operou-se felizmente uma reacção salutar ; ficou resolvido que a remonta seria feita dentro do territorio nacional ; commissões de officiaes percorreram os Estados criadores, comprando o que de melhor encontravam, e fazendo propaganda da criação do cavallo para o exercito ; e, apesar da degeneração da raça, os animaes adquiridos e sujeitos ao regimen militar da alimentação e treinamento, começaram a mostrar suas magnificas qualidades.

Os criadores, assim encorajados, começaram a adquirir bons reproductores, e a organização do Ministerio da Agricultura veio auxiliar efficaçmente a solução do problema, com a criação de postos zootechnicos e uma propaganda bem orientada.

O marechal Hermes, quando ministro da Guerra, encarregou uma comissão composta do aulor destas linhas, do general Bento Ribeiro e major Espirito Santo Cardoso, da tarefa de organizar um regulamento para o serviço de remonta do exercito, o qual foi aprovado por decreto n. 7.693, de 2 de dezembro de 1909.

Esse regulamento creou os depositos de remonta, com o fim de encarregarem-se de ;

Compra de animaes nacionaes proprios para o serviço do exercito ;

Recebimento dos mesmos das mãos dos criadores, e o trato e educação a dar-lhes para fazel-os passar progressivamente ao regimen militar ;

Entrega aos differentes corpos, estados-maiores e estabelecimentos, dos animaes que lhes forem destinados ;

Trato dos garanhões que o governo entregar a cada deposito para auxiliar o melhoramento da raça cavallar da zona ;

Plantação das forragens necessarias aos serviços acima.

O regulamento estabelece as condições de compra, feita directamente aos criadores, a sua época, as molestias que autorizam a acção redhibitoria, as alturas minimas variaveis com a idade ; os animaes deverão ser adquiridos com a idade de 3 a 4 annos, e só entregues ao serviço, aquelles depois de 4 annos feitos, e estes depois de seis mezes de estadia no deposito.

Como medida transitoria, o regulamento autoriza a aquisição de animaes de 6 a 7 annos para serem logo entregues aos corpos.

Os garanhões confiados ao deposito serão destinados á monta gratuita de eguas pertencentes a particulares, mediante condições fixadas no regulamento.

O governo instituiria premios para os criadores dos melhores productos registrados nos depositos e adquiridos para o exercito, bem como para os que apresentassem maior numero de productos nas condições acima, e em um prazo determinado.

A duração do cavallo no serviço foi computada em 7 annos, tendo os corpos de tropa direito a remontar annualmente 15 % de seu effectivo.

O serviço de remonta disporia tambem da coudelaria de Saycan ; esse importante estabelecimento, situado no Rio Grande do Sul, por muito tempo sem orientação racional, servindo de deposito de animaes comprados para os corpos, e de fazenda de criação inteira-

mente ao acaso, sem a menor preocupação de selecção, só nas suas duas ultimas administrações conseguiu erguer-se do inteiro descredito em que havia cahido.

E' preciso, porém, fixar-se positivamente o que se pretende obter daquella coudelaria.

Pretendeu-se fazer com que ella fornecesse toda a remonta do exercito, o que felizmente não se conseguiu ; si tal tentativa houvesse sido coroada de exito, o proprio governo teria sido o aniquilador de uma industria da qual elle teria imprescindivel necessidade em um caso de guerra, porque, mesmo admitindo que aquella coudelaria pudesse criar a remonta necessaria para o tempo de paz, não poderia nunca fornecer a sufficiente para uma campanha.

Convém ainda lembrar que o Saycan está proximo da fronteira, o que o contra-indica para o fim que se tinha em vista.

A coudelaria de Saycan deve ser destinada a criar reproductores proprios para os diversos serviços do exercito ; melhorar constantemente os typos, fornecel-os aos depositos de remonta que se estabelecerem no paiz, inclusive um que deve ser annexo á Coudelaria ; é claro que os animaes não aproveitados para a reproducção, serão aproveitados na remonta.

Posteriormente ao regulamento citado, que é de 1909, as idéas capitaes nelle contidas têm sido apresentadas por mais de uma pessoa interessada nesse assumpto, obtendo applausos ; entretanto aquelle regulamento, apesar de aprovado por um decreto, ainda não entrou em vigor.

Havendo presidido a comissão que o elaborou, continuo convencido de que, si elle tivesse sido posto em execução, a questão da remonta do exercito, cuja importancia não é excedida por nenhuma outra, teria avançado muito no caminho de sua solução definitiva, e não só o exercito, mas tambem a industria nacional teriam lucrado com isso.

A organização do deposito da remonta em diversos Estados, fomentando a criação do cavallo pela certeza do mercado e a perspectiva do premio, tem ainda, sob o ponto de vista militar, a vantagem de escalonar os recursos desse genero pelo territorio do paiz, em vez de concentrar-os em uma região da fronteira que, por sua situação, é a mais sujeita a um golpe de mão.

General Faria.

Batalha de Tuyuty

Das "Reminiscências da Guerra do Paraguay", de Dyonísio Cerqueira

NA VESPERA

O meu batalhão tinha, como disse, a honra de pertencer á divisão do general Sampaio, a terceira do exercito. Commandava-o o tenente coronel Pereira de Carvalho, intelligente, bom manobrista, e com fama de não ter rival na penna. Foi, depois barão de S. Sepé, marechal e conselheiro de guerra.

Acampavamos na vanguarda, á extrema esquerda. A famosa artilharia do grande velho Mallet, estava á nossa direita. O general Osorio, com o exemplo da bateria do capitão Cardoso de Mello, tomada pelo inimigo no combate de 2 de Maio, ordenára, logo que chegámos ao Tuyuty, no dia 20, a construção de um grande espaldão para abrigar o regimento. A'nossa esquerda acampavam — o 6.^o de infantaria e outros batalhões de linha e de voluntarios — e, por ultimo, o 11.^o commandado pelo heroico major Cavalcanti, daquella pleiade memoravel de capitães do 1.^o de fuzileiros da cõrte, que tanto illustraram a nossa historia militar — Guimarães Peixoto, Valporto, Cavalcanti, Azevedo, Eduardo Fonseca, Valente...

Para lá do 11.^o de voluntarios, estendiam-se banhados rasos, *macegaes* baixos e arêaes cobertos de *barbas de bóde*; alem fechava a perspectiva a mata mysteriosa, com as suas *bocainas* largas e trilhas estreitas e tortuosas por onde o inimigo, astuto como os homens de sua raça, nos vinha espreitar, vigiar-nos os movimentos, perscrutar a nossa vida de acampamento, e, até, contar os nossos homens, os nossos canhões e as nossas carretas de transporte. Nós não tivéramos a curiosidade, aliás muito natural, de conhecer os segredos daquelles bosques. Não postamos alli nem piquetes avançados, nem vedêtas, ao menos. Do outro lado da mata, estava o Potreiro Pires.

O general Flôres acampava á esquerda da artilharia e o general Mitre á direita. O general Osorio, em uma eminencia, no centro do grande exercito, parecia o commandante em chefe.

A'direita do quartel general, ficara o commercio e, á retaguarda, o pesadissimo trem de transporte e o hospital.

Era o meado do outomno. Naquellas paragens, proximas de dois rios immensos, cobertas de lagôas e banhados, de densas florestas e extensos esteros, a humidade era grande e a temperatura baixava muito.

Estavamos a 23 de maio. Tinha acabado de devorar, com um appetite de 18 annos, um magro churrasco, que mais parecia carne daquelles *mocós* moqueados, vendidos, aos centos, pelos meus patricios da Feira de Sant'Anna, e servia — o classico *chimarrão* num *porongo* de litro; quando se perfilou diante de mim, o

cabo de dia da 7.^a companhia, estendendo-me o *caderno da ordem*. Li que estava escalado para a faxina de lenha no dia seguinte, e que, ao meio dia o batalhão deveria formar a *meia marcha*, não faltando praça alguma, «nem mesmo os bagageiros e camaradas dos senhores officiaes.» Na *lembrança*, o commandante re-commendava aos commandantes de companhia que passassem, antes, revista de armamento. Ia-mos reconhecer as posições paraguayas. Ao toque do recolher, ás oito horas da noite, todos os corpos formaram. Depois da chamada, os sargentos puxaram as companhias para a *frente de bandeira* e resou-se o têrço.

Algumas praças, os melhores cantores, entôaram com vôz vibrante, sonora e cheia de sentimento, a velha oração do soldado brasileiro: «Oh Virgem da Conceição, Maria immaculada, vós sois a advogada dos peccadores, e a todos encheis de graça com a vossa feliz grandeza: vós sois dos ceus princeza, e do Espirito Santo esposa. Maria, mãe de graça, mãe de misericordia, livrae-nos do inimigo e protegei-nos na hora da morte. Amen.» As musicas de quarenta batalhões acompanhavam impressivas aquella grande prece ao luar, resada tão longe dos lares queridos.

Tocou depois, *ajoelhar corpos*. Todos aquelles homens simples, rudes e crentes, que se iam bater como leões no dia seguinte, cahiram de joelhos, e, com as mãos musculosas, apertando os largos peitos valerosos, entôaram, cheios de contricção e de fê, o «Senhor Deus, misericordia.»

A minha companhia estava de promptidão no quarto das nove ás onze. Ao toque de silencio, entrámos em fôrma. Depois de soar a ultima nota das cornetas do exercito, vibrou nos ares, maviosa e plangente, a do corneteiro-mór do 7.^o de voluntarios, batalhão de São Paulo. Era um verdadeiro artista esse paulista agigantado; tinha o orgulho da profissão; não tocava regulamentarmente como os outros: flôreava, tremia, chorava, gemia e cantava; executava o tóque como um hymno de saudade e terminava lento, suave e muito triste, até morrer como um gemido longinquo, confundindo-se no silencio da noite.

Como nos commovia o tóque de silencio do corneteiro-mór do 7.^o de São Paulo! Que saudade tenho ainda daquelles tempos!...

A's onze, fomos rendidos pela 8.^a companhia e dormimos, ouvindo o tinir das varêtas batidas pelas vedêtas proximas.

NO DIA

O 24 de Maio amanheceu claro e sereno.

Antes da alvorada formámos para o *alarma*. Vi-mos, pouco a pouco, surgindo da escuridão, as alvas tendas do grande exercito, estendido em columnas por aquellas cochilas afôra. Depois, os tons roseos da madrugada alta foram se tingindo de purpura e doirando-se á aproximação do sol que se levantou rubro, achatado, rutilo e cortado, ao meio, por uma

cinta esbranquiçada e fina de *stratus*, como uma agatha immensa onde o genio do Brazil gravaria, com aquelles esplendores, uma data das mais memoraveis da sua historia.

Antes do toque de parada, tocou fachina. Os sargentos entregaram ao *brigada*, os homens escalados. Recebi-os do ajudante; eram vinte. Mandeí — *tres á direita, volver* — e marcheí com elles para a mata da esquerda. Alli, ensarilharam as armas e dispersaram-se em busca da lenha. Fiquei só junto ao sarilho. Passava o tempo, e de vagar. Olhei para o relógio: eram mais de 10 horas. Dahi a pouco, fez alto, na minha frente, o soldado José de Barros; *quadrou-se*, levou a mão direita á pala do bonet, e disse, em voz clara e bem timbrada, com o sotaque de sertanejo:

— Saiba vossa senhoria, só alferes, que o mato está *vermelhando* de cabôclos.

Encarei-o: não parecia assustado. Fui ver si era verdade; penetrei no bosque por uma das tortuosas trilhas, e esguardei a espessura sombria e, longe, meio occultos pelas arvores, vultos vermelhos appareciam cobertos por grandes barretinas de sóla: eram os paraguayos.

Ou não nos viram, ou fingiram não nos perceber por lhes não convir se denunciarem com um ataque. Eramos tão poucos...

Alguns dos nossos homens já voltavam ao sarilho, com os feixes de lenha aos hombros. Mandeí chamar os outros; formei-os, e segui para o acampamento.

Mal dava parte do que vira e entregava a lenha ao official de estado, detonou sobre as nossas cabeças uma granada inimiga.

Ao estrondo, seguiu-se o tóque de *sentido e chamada ligeira*: todos correram ás armas.

Os paraguayos já estavam sobre nós.

A granada fôra signal de ataque geral.

O 4.º, meu batalhão, entrou em forma, rapido como um relampago, e, mais rapido ainda, metteu em linha, frente á esquerda.

Avançava sobre nós, a galope, um regimento de cavallaria inimiga. Ia chocar-se com as duas primeiras companhias. As outras, as da esquerda, tinham pela frente uma lagoa bastante funda. Em fileira dupla apenas, resistimos ao chôque. Não poudes rompel-as nem retroceder. E' que tinha pela frente os nossos bravos, cheios de ardor nessa primeira vez em que combatiamos devêras; e, pela retaguarda outros corpos da cavallaria paraguaya que também avançavam.

Desfilou, então, para a esquerda, ao tróte, entre nós e a lagoa.

Fuzilavamos-o efficaçmente, quasi a queima roupa. Manobrou para nos cortar a retaguarda. Debalde: o nosso fogo era tremendo e a linha muito extensa.

Cada um dos oito pelotões formára com trinta e quatro filas. O batalhão tinha mais de 210 metros

de frente. O terreno era meio atoladiço. Do tróte passaram ao passo, os bravos guerreiros de Lopez, que iam cahindo, dando lançadas e talhos de espada inutilmente.

Nós os batiamos de flanco. Os nossos soldados entusiasmados, ardentes, saíam das fileiras, e os atacavam a bayonêta. Foi um morticínio medonho: poucos escaparam.

Grandes columnas de infantaria inimiga surdiam pelas *bocainas* da esquerda e acommettiam a nossa 3.ª divisão

Sampaio cavalgava, trajando o seu bello uniforme de general, bordado a oiro, á frente das suas tropas: mandou estender linhas e avançar. O nosso impeto foi violento. O inimigo recuou até á mata. Voltou, depois, e carregou sobre nós com bravura. Retrocedemos, pelejando.

A' nossa esquerda, combatia também em retirada, o 6.º de voluntarios, depois 33.º, commandado pelo Valente.

O terreno era pesado. Ás vezes, atolava. Caminhava-se difficilmente. Os paraguayos avançavam lentos; calmos. Nós já protegidos pela ponta da lagoa, os fuzilavamos quasi de flanco.

Vi então, alguns officiaes inimigos darem de prancha nos soldados para que avançassem. Sempre ha gente que ama mais a vida que a honra.

Avançavam; e os nossos do 6.º recuavam fazendo fogo, como se estivessem em dia de exercicio, manobrando ao toque de corneta. O commandante Agnello Valente, alto, magro, sympathico e sereno, estacou o cavallo: estendeu a espada horisontalmente e mandou tocar — *alto frente*. O 6.º já pisava terreno solido: o chão estava secco. Os paraguayos continuavam a avançar, lentamente e fazendo fogo: nós os fuzilavamos sempre, e pelo flanco; presenciando, cheios de anciedade, a grandiosa scena.

A distancia entre a columna inimiga e os nossos voluntarios ia diminuindo a olhos vistos. O commandante Valente firmou-se nos estribos, ergueu-se sobre a sella, encarou o inimigo, e fallou ao corneta: sôou vibrante e alegre, o tóque de avançar.

As bayonetas já estavam armadas. Os bravos filhos do Brazil deram um viva entusiastico á Patria, e marcharam impávidos sobre a columna, que avançava lenta, magestosa, solemne.

Que momento aquelle!

Vibrou o som festivo do tóque de acelerado, e, logo após, os ares estrugiram com o mais grandioso de todos — o tóque de carga, — que foi repetido por toda a banda. Os nossos rapazes cruzaram bayonêta, e correram, impetuosos e vivos, sobre o inimigo, que fez alto.

Parou?! estava perdido.

As duas linhas chocaram-se. As nossas bayonetas penetraram nos peitos dos mais bravos daquelles heróes e nas costas dos outros que, embora valentes,

recuavam em debandada. Batemos palmas, orgulhosos dos nossos companheiros, e das linhas dos veteranos do 4.º de infantaria, ergueu-se um viva delirante ao 6.º de voluntarios, que seguia, como louco, ferindo e matando, e juncando de cadaveres a terra paraguaya, tão ensopada, naquella dia, com o sangue de seus valerosos filhos.

O cabo Militão, veterano da guerra do Rosas, e, filho de Pilão Arcado, exclamava:— Valente como o defunto só coronel Victor.

O velho bahiano tinha sido praça do *Treme-terra*.

O 4.º avançou tambem.

Novas columnas, de cor avermelhada e armas scintillantes, surgiam após outras, do verde escuro das *bocainas*, e guerreiros acobreados, espadadus, montados em pequenos cavallos, com os estribos de *rodela* entre dois dedos dos pés, com *chiripás* de lã vermelha listrada, *tiradores* de coiro bem sovado na cintura, cahindo abaixo do joelho, com *boleadeiras* nos *tentos*, empunhando lanças enormes, ou brandindo espadas curvas afiadas, avançavam a galope em alarido infernal, sobre os nossos batalhões, meio desordenados já pelas cargas repetidas que davam, pelas linhas de atiradores que sahiam, pelas fileiras que rareavam, pelos officiaes que morriam, pelos chefes que tombavam.

Sampaio fôra ferido gravemente; o meu commandante tambem estava fôra de combate.

A bandeira do 4.º tremulava beijada pela amorosa brisa da Gloria. O alferes Celso de Assis, joven paraense, tinha a honra de carregal-a; estava orgulhoso, sorridente. Os cabos que a guardavam eram valentes como elle. Inclinou-se, de repente, o pavilhão glorioso, mas não chegou a cahir. Ergueu-se de novo, mais bello e mais alto, fluctuando sereno e manso, estendendo as largas dobras á direita e á esquerda, como que agradecendo áquelles que, abrigados á sua sombra augusta, derramavam o sangue, para que elle continuasse a tremular sempre immaculado.

Estava morto o querido Celso. Uma bala atravessou o talabarte e varou-lhe o coração. A haste escapou das mãos hirtas; a bandeira inclinou-se; ia cahir. Um cabo levantou-a; outro cabo amparou o moço official, que morreu sem um ai.

O talabarte tinha, na altura do peito, um grande rombo, e o velludo verde, os galões de oiro tingiram-se de vermelho pelo sangue que jorrara abundante. Tiveste, amigo Celso, um glorioso fim. Se puderes, da mansão da gloria descobrir o que passa na terra, verás o velho camarada derramar sobre a tua memoria uma lagrima de saudade. Os batalhões avançavam; a artilheria rugia rapida, infatigavel, a revolver: era um continuo trovejar. Parecia uma tempestade. Cornetas sôavam a carga; lanças se enristavam, crusavam-se as bayonetas; rasgavam-se os corpos sadios dos heróes; espadas brandidas a duas mãos, como os mon-

tantes dos pares de Carlos Magno, abriam craneos, cortavam braços, decepavam cabeças. Quadrados formavam-se aqui; além, ouvia-se o tóque de *assemblée* e as linhas de atiradores se reuniam, ora em circulo, ora formando os quatro camaradas de combate, de bayoneta cruzada contra a cavallaria que vinha a galope: uma confusão immensa e cheia de fortes impressões. A batalha attingia ao momento decisivo. O ataque mais forte fôra á 3.ª divisão, que resistia heroica, a dez mil homens de Diaz. Todos, modestia á parte, consideravam-na o escol do exercito. Havia bem cinco horas que combatiamos sem cessar, e não estavam fatigados. Não ha tempo que corra tão ligeiro como o das batalhas.

De quem seria a victoria?

Surge, no seu bello cavallo de combate, o general Osorio, com o largo chapéo de feltro negro, e ponche fluctuante deixando vêr a gola bordadada, a lança de ébano incrustada de prata na mão larga e robusta, e o olhar fascinante, dominando aquelle scenario tragico da gloria e da morte. Ouviu-se um viva retumbante. De todos aquelles labios seccos, daquellas gargantas roucas, sahiu immenso, entusiastico, um viva ao general Osorio! Tudo transformou-se ao tremular magico de bandeirola da lança legendaria. A nossa infantaria avançou galvanizada por aquelle homem, immensamente amado, e levou de vencida, até ás profundezas densas da mata, os guerreiros inimigos, que sobreviveram á horrorosa hecatombe.

A batalha estava ganha.

Alguns corpos destacaram linhas de atiradores, que tirotearam, friamente, até ao anoitecer.

A derrota foi completa. O campo de batalha ficou literalmente, juncado de inimigos mortos.

Lopez empenhára, nesse dia, quasi todo seu exercito, e atirou-o contra nós por todos os lados. O ataque foi fulminante.

As forças eram quasi iguaes. Tinhamos, felizmente, á nossa frente, o grande Osorio, que surgia como um semi-Deus, nos momentos mais criticos, levando consigo a victoria. Ouvi, e narro com ufania, soldados feridos, estorcendo-se nas vascas da agonia, levanta, rem-se a meio, com a auréola da morte, doirando-lhes os cabellos empastados de sangue, murmurarem em voz desfallecida, quando elle passava: viva o general Osorio! viva Osorio!

Sóou, finalmente, o tóque de *cessar fogo*. Eu estava numa linha de atiradores.

Recolhi com ella ao batalhão, que formava em columna cerrada á beira de um laranjal. Quantos, dos que jaziam para sempre debaixo daquella sombra amena, pensaram, exhalando o ultimo suspiro, nas flôres daquellas laranjeiras e na morte das suas esperanças?

Quando acabou a batalha, tinha a minha blusa, unica, rota na altura do hombro direito, por uma bala, que passou triscando a pelle. A espada estava partida

pelo meio; e as botas, cothurnos reiños trazidos do 1.^o regimento, tinham deixado as sólas nos banhados.

Era noite quando voltámos ao acampamento. Perto da minha barraca, estava estendido com os miólos de fóra, um amigo de infancia, o tenente de voluntarios Emygdio de Azevedo Monteiro.

Ajoelhei-me ao seu lado; apertei-lhe a mão gelada e dei-lhe um beijo de adeus na larga testa ensanguentada.

A' porta da minha barraca, achei fincada no chão, uma espada de official, vermelha de sangue. Experimentei-a na bainha e serviu. Fiquei com ella, e com pezar, atirei fóra o pedaço que restava da outra, a minha companheira mutilada. Nunca pude saber a quem pertencia; guardei-a, prometti honral-a. Mais de cincoenta mil homens pelejaram nesse dia memoravel. Lopez não empenhou na batalha todas as suas forças.

Mais de dez mil dos seus guerreiros estavam perto dos campos de Tuyuty, para as bandas de Humaytá. Esperando o que?

Os generaes que guardam as tropas para o dia seguinte á batalha, são sempre batidos, disse o maior dos generaes.

OBSERVAÇÕES PEQUENAS

Embora a faculdade de expulsão das fileiras dos soldados reincidentes em faltas, tenha de muito diminuido a criminalidade, sendo o Exercito ainda servido pelo voluntariado que, se lhe traz algumas vocações, fornece em maioria individuos incapazes de por si só proverem sua subsistencia; não pequeno é ainda o numero dos que povôam os xadrezes, quer por crimes de natureza propriamente militar, quer respondendo a processo no fóro civil.

Na fortaleza de Santa Cruz, que serve de presidio dos sentenciados militares, tem estado, se não actualmente, por varias vezes e por dilatados tempos, o numero de sentenciados acima do de praças encarregadas da sua vigilancia.

E entre elles, não poucos são os excluidos militares, nada mais tendo com o Exercito.

Urge, portanto, dar outro destino a esses presos, alliviando os corpos do trabalho de sua guarda, para entregar os soldados á instrucção militar, porque o tempo de dois annos de serviço que se lhes exige, não permite distrahir-os para outro myster.

A manutenção do systema em vigor no Exercito, para reclusão dos presos sentenciados e por sentenciar, não se justifica, quando se tem mudado o modo de considerar o Exercito em relação á nação.

Quando a parte fixa, ou profissional do Exercito, trabalha para convencer a nação de

que elle é ella propria, representada pelo seus elementos validos mais jovens e, portanto, mais esperançosos, é necessario considerar sob este ponto de vista, tudo o que diz respeito á nossa força permanente de terra.

Sendo o soldado um cidadão que vem ás fileiras preparar-se para a defeza da communnidade a que percence — a Nação — e nellas permanece apenas o tempo julgado necessario para seu preparo, é claro que só deve ficar sob a responsabilidade do Exercito emquanto poder receber essa instrucção.

Se no decurso do seu tempo de serviço ou de instrucção, o individuo se torna um criminoso, offendendo a sociedade, á qual não deixa de pertencer pelo seu alistamento, porquanto o Exercito é uma das corporações constitutivas dessa mesma sociedade, mesmo que essa offensa diga respeito directamente á corporação, a que se ligou transitoriamente, e foi condemnado á reclusão, que tornou impossivel o seu preparo militar, e muitas até incompativeis mesmo com o papel de defensor da honra da Nação e da integridade do seu territorio, é a sociedade, pelos seus órgãos communs, que o deve manter segregado da sua communhão e não a corporação que só o recebeu por pequeno prazo e para instruil-o.

Quando ministro da guerra, o exmo Snr. Marechal Hermes da Fonseca conseguiu a substituição do Exercito pela policia no serviço de guarda do Thezouro, Casa da Moeda, Correio e mais repartições federaes.

Foi isso já um passo para completa extincção desse serviço, mesmo pela policia militarizada, porquanto não é crível que se queira roubar essas repartições á força bruta.

E a pratica tem demonstrado que os roubos que em algumas dellas se têm dado, não podem ser evitados pela sua guarda.

Em uma cidade policiada não se explicam essas guardas, que nem ao menos são feitas em todas as repartições.

A E. F. Central, por exemplo, de muito mais facil assalto que a Caixa de Conversão, e onde constantemente ha avultados valores em deposito, não tem guarda.

A Caixa Economica semi-official e os bancos, onde ha muito mais valores que nas repartições guardadas especialmente, os roubos não se dão, quasi.

Não é pois, a guarda que evita os roubos.

O fiel Salgado sahio do Thezouro, com o dinheiro na mão, á vista de todos.

Voltando, porem, ao caso do Exercito, penso que se deve acabar de todo com as patrulhas, em tempo de paz.

Se o soldado não deixou de pertencer á comunidade, á sociedade, pelo facto de, pela necessidade de sua instrucção, estar alistado em uma das corporações mais representativas dessa sociedade, quando delinquir, ou tornar-se criminoso, sua prisão deve ser feita pelos órgãos de que dispõe a referida sociedade para essa missão, ou pela policia, civil ou militarizada.

Verificando-se tratar-se de faltas ou pequenos delictos susceptíveis de serem punidos correcionalmente, sem perturbação da sua instrucção, poderá a sua reclusão ser feita no proprio quartel, para não ser interrompida a referida instrucção.

Esta medida além de folgar o serviço, permitindo melhor instrucção, concorreria para acabar com as rivalidades entre as corporações armadas e a policia, causa quasi que unica dos conflictos em que são envolvidas praças do Exercito.

Penso que esta medida melhor attenderia ao interesse publico, que se manter um grande numero de officiaes e praças de serviço diariamente para o policiamento das praças do Exercito, as quaes devem, por si só, ser uma garantia da ordem.

E esse patrulhamento especial é uma confissão tacita de que seus superiores assim não os consideram.

Necessario se torna tambem a expulsão dos desertores, logo na primeira deserção, sendo em pura perda a despesa com o preparo do desertor, quando não se deve admitir mais no serviço quem na paz demonstrou não ter nenhum amor á bandeira.

E' verdade que o exercito, com o ser na paz uma escola de instrucção militar, civica, physica e moral, allia a esta funcção o de guarda da Constituição e das leis, e pela sua disciplina, effectivo nas fileiras, valor e numero das reservas incorporaveis, etc., concorre para o desenvolvimento commercial e expansão economica, por ser o apoio da diplomacia.

Estas funcções, porem, o Exercito desempenhará com muito maior vantagem se os seus elementos componentes forem expurgados dos mãos cidadãos,

Recolhidos tambem, ás cadeias, penitenciarias, casas de correcção e de detenção os criminosos alistados no Exercito, respondendo por crimes civis ou militares, seria conseguindo logo :

1º. Melhor preparo da tropa pela diminuição do serviço diario, pois os presos de correcção não demandam sentinellas durante a

noite e durante o dia estão no serviço; os de cellula tambem, desde que sejam ellas sufficientemente fortes, não precisam sentinellas, pois, sua fuga só lhes piorando a situação, não será commum.

2º. Economia das etapas e fardamentos para os referidos réos.

3º. Evitar-se que os soldados propensos ao crime tenham conhecimento dos processos empregados pelos criminosos para a sua pratica e a da fuga.

4º. Diminuição da criminalidade pelo maior rigor da pena com a reclusão entre extranhos.

Estas observações venho-as fazendo na vida de caserna, desde os tempos de simples praça, sentinela nas guardas dos edificios publicos, algumas mesmo escriptas sobre a patrona, ou já como inferior, no commando de guardas no quartel, tendo sob minha responsabilidade criminosos de morte e tentativa de morte guardados, ás vezes por soldados vindos nas vespertas para o serviço e que a chamada *emergencia do serviço* fazia passar a *prompto* dias depois do alistamento, criminosos que eram retirados do xadrez para as refeições, atravessando largo pateo do quartel no centro da cidade.

Já como official, com maiores responsabilidades, voltei-me para os desertores e verifiquei que, quer pelo facto dessa sua falta, pre-dispor os seus superiores, quer por serem effectivamente elementos mãos, com difficuldade encontrei praça que tendo desertado uma vez, voltasse a ser bom soldado, cumprida a pena.

Que sejam estas pequenas observações lidas pelos encarregados de administrar e legislar para o Exercito e tomadas na consideração que merecerem, e terei concorrido com meu fraco contingente para o levantamento da minha classe e sua collocação no seu verdadeiro logar.

J. M. Ferreira e Silva.

1.º Tenente.

Novas instrucções francezas para o alto commando.

Traduzido do *Militär Wochenblatt* n. 39 40 de 1914
pelo capitão Lima e Silva.

A direcção superior do exercito francez encetou a renovação das prescripções tacticas ha longo tempo annunciada. Em meados de fevereiro appareceram umas "Instrucções para o alto commando da tropa" (*conduite des grandes unités*) feitas por

uma comissão sob a presidência do general Pau. Esse trabalho, já em 28 de outubro de 1913 decretado pelo presidente da Republica, só agora foi realizado.

As novas Instrucções contêm uma série de modificações aos actuaes preceitos, as quaes a comissão fundamentou detalhadamente em um annexo. Os pontos essenciaes dessa fundamentação serão contemplados na presente noticia.

Os principios geraes de commando na guerra e em combate estavam até aqui consignados no regulamento para o serviço dos exercitos em campanha, de 28 de maio de 1895. Como additamento a este, appareceu, em setembro de 1902, uma "Instrucção pratica para o serviço da infantaria em campanha". O regulamento de campanha continha uma parte especial sobre o combate das armas combinadas. De resto, o conteúdo de ambos os regulamentos, quanto á forma, coincidia mais ou menos com o regulamento de campanha allemão. Nisto já teve logar uma alteração não pouco importante. As novas "Instrucções" constituem a primeira parte do futuro regulamento para o serviço de campanha, cuja publicação completa se fará no correr deste anno. Ellas tratam sómente das *grandes* unidades: grupo de exercitos, exercito, corpo de exercito, corpo de cavallaria.

Em uma parte ulterior tratar-se-á do commando e do processo de combate de divisão, como sendo a menor unidade mixta.

A comissão accentúa que esta segunda parte será destinada a todos os officiaes, ao passo que a recentemente publicada o é em primeira linha ao alto commando, e ao estado-maior.

A primitiva intenção de conservar secretas as novas "Instrucções" foi abandonada.

Toda a materia está dividida em onze captiulos:

I — Generalidades sobre o alto commando.

II — O commando.

III — Liberdade de acção. Segurança. Serviço de informações. Exploração.

IV — Os auxiliares do commando. Redacção das ordens. Partes. Relatorios. Serviço de ligação.

V — Grupo de exercitos.

VI — O exercito.

VII — O corpo de exercito.

VIII — O corpo de cavallaria.

IX — Protecção das fronteiras e fortificações.

X — Corpo de observação.

XI — Disposições especiaes.

Com excepção dos capitulos III, IV e VII, em parte extrahidos do antigo regulamento para o serviço de campanha, todos os outros constituem trabalho completamente novo.

CAPITULO I

GENERALIDADES SOBRE O ALTO COMMANDO

« Sobre o objectivo politico de uma guerra só ao governo compete decidir, pois que é o responsavel pelos interesses vitaes do paiz. Por isso, no caso de uma guerra em varias frentes elle assignala o adversario principal, contra o qual emprega a massa do exercito ».

A comissão accentúa, reportando-se ao passado militar da França, a necessidade de tomar a offensiva estrategica no theatro principal da guerra. Ella exprime isso nas "Instrucções" da seguinte maneira:

« O objectivo das operações militares é a destruição do exercito inimigo. As excepções a este principio são admissiveis sómente nos theatros secundarios da guerra, ou onde não se procura a decisão.

A grandeza das actuaes massas de exercitos, a difficuldade de seu aprovisionamento, a perturbação da vida social e economica do povo exigem a terminação rapida da guerra. O unico meio para isto é o pleno aproveitamento da batalha decisiva. A conquista de um pedaço de territorio, a tomada de uma praça forte não conduzem a nenhum resultado decisivo.

Por isso *trata-se de forçar o adversario á batalha e de quebrar violentamente sua vontade, o que só se consegue pelo ataque sem considerações, levado ao extremo e com sacrificios cruentos. Qualquer outro modo de ver é contraditorio á natureza da guerra, e deve ser condemnado. Uma manobra, por mais habilmente delineada que seja, não pôde sinão encaminhar a victoria, mas não garantil-a.*

Os grandes successos foram, em todos os tempos, destinados sómente ao general que queria e procurava a lucta. Quem a deixava vir ao seu encontro foi constantemente batido. *Um chefe energico, por conseguinte, não permittirá nunca um avanço do adversario sob pretexto de aguardar informações mais exactas.* Si, apezar de tudo, o inimigo conseguiu anticipar-se, só um resolutio contra-ataque pôde

ocasionar uma mudança favorável de situação.

Os primeiros combates já têm alta significação porque podem exercer decisiva influencia sobre o desenrolar ulterior dos acontecimentos.

Nunca se estará demasiado forte para a batalha decisiva. Todas as parcellas do exercito que se acharem em operações no mesmo theatro da guerra, devem cooperar activamente.

A batalha decisiva representa a somma de varias batalhas de exercito, mais ou menos differentes entre si, obedecendo, porém, a uma concepção geral. Consegue-se a cooperação de todos os esforços na decisão, quando todos os exercitos estão em condições de intervir, com todos os meios, a tempo, no logar designado pelo general em chefe.

Não é o menor numero de baixas, mas a vontade mais firme e o valor moral mais alto que asseguram a victoria. Aquelle que no momento da decisão, quando a concha da balança ameaça pender em favor do inimigo, detem reservas para organização de posições de apoio, protecção dos flancos ou para cobrir a retirada, deixa escapar-lhe das mãos as ultimas probabilidades de successo.

As reservas não se destinam á delimitação de máo exito, e sim á conquista da victoria. Não se deve abandonar a luta enquanto não se tiver esgotado todos os meios.

Após a victoria, deve uma perseguição incançavel e impiedosa conduzir ao completo anniquilamento o adversario. Deste modo, bastará talvez uma grande batalha unica para a terminação da guerra.

Dignos de nota são, antes de tudo, a diminuição do apreço dado á *manobra* e a condemnação da espera de noticias para que se tome uma resolução.

Sobre alguns outros pontos externa-se a propria commissão :

O antigo regulamento de campanha restringia perigosamente o emprego das reservas. E' que ali, exactamente como no regulamento de exercicios para a infantaria, se ordenava francamente reservar forças que *depois de consummada a decisão, rematariam a victoria ou limitariam o successo.*

E, mais adiante :

« Uma erronea concepção da idéa de *segurança* conduziu frequentemente a que

os cuidados pela cobertura sobrepujassem a vontade de agir. Em manobras, não raro se podia observar um enfraquecimento das forças destinadas ao ataque decisivo, proveniente de se haver separado tropas demasiado fortes para o preenchimento de missões inteiramente secundarias. Sem desconhecer a importancia da *segurança*, julgou a commissão necessario oppôr-se a esta tendencia ; apoiada nos ensinamentos da historia das guerras, ella salientou o facto que — um resolutto ataque obriga o adversario ás medidas de defeza e constituem assim, para o chefe e sua tropa, o melhor meio contra qualquer perigo de surpresa ».

CAPITULO II

O COMMANDO

Aqui, de novo se exalta da maneira mais energica, o principio já levantado no capitulo I, que se não deve perder demasiado tempo á espera de informações. As "Instrucções" exigem o estabelecimento de um plano de operações definido, mesmo que sejam ainda obscuras e incompletas as noticias sobre o inimigo.

São os proprios intuitos que em primeira linha o determinam, e não o inimigo, como enunciava o antigo regulamento de campanha. Elles devem ser levados a termo em todas as circumstancias, através de quaesquer obstaculos. O inimigo desempenha ali apenas o papel de um elemento perturbador, que deve ser afastado. O chefe não se deve deixar dominar exclusivamente por uma presumpção sobre as provaveis medidas do adversario. Ao contrario, deve levar em conta do interesse de suas proprias intenções as inevitaveis mudanças de situação que se derem no curso das operações. E só póde fazer isso aquelle que distingue com sagacidade quaes as noticias que têm ou não importancia. Por isso, deve o chefe propôr aos encarregados da exploração quesitos cathgoricos que com tanto maior segurança poderão ser respondidos quanto mais simples forem e quanto menor o seu numero.

A este raciocinio corresponde a distincção entre o plano de operação propriamente e o plano da exploração, que logicamente deve decorrer do primeiro.

O objectivo do esclarecimento não é fornecer os fundamentos para a resolução, mas unicamente diminuir a incerteza da situação.

A distribuição das forças deve, desde o começo, corresponder ao designio da ope-

ração, sendo comtudo sufficientemente adaptavel á situação quando esta se modifique e se torne mais clara. Nunca, porém, se poderá contar com a plena remoção de todas as duvidas. Portanto, o successo definitivo depende muito mais do tenaz apego á resolução, uma vez tomada, e de sua enérgica execução, do que do engenhoso delineamento da manobra.

CAPITULO III

LIBERDADE DE ACÇÃO — SEGURANÇA. INFORMAÇÕES — EXPLORAÇÃO

Como *liberdade de acção* designa o regulamento a arte de conservar o chefe a liberdade de dispôr de suas forças até o momento decisivo. Nas grandes proporções não se deve, por conseguinte, expôr parcellas isoladas a ataques de improviso, porque isso exerce desfavoravel influencia sobre a vontade do chefe. Ao contrario, deve-se empregar esforços no sentido de congregar as forças a tempo. Só quando parece provavel um ataque do inimigo, antes de levada a effeito essa concentração, devem ser impellidos na direcção ameaçada destacamentos de todas as armas, para ganhar tempo e cobrir o grosso.

Já nessa passagem está indicada a missão principal da "segurança": apoiar o commando em chefe na manutenção da liberdade de acção. O regulamento instituiu, para isso, a noção de *segurança do chefe*. Ante essa cessa a importancia da segurança e protecção puramente tacticas (surété de la première ligne) ou "protecção". Desappareceu inteiramente a designação «segurança de primeira linha» que dizia respeito principalmente á actividade das brigadas de cavallaria de corpo, tornadas independentes. Julgou-se necessario o augmento da cavallaria de exercito, e sem inconveniente a redução da cavallaria de corpo de exercito, a 4 até 6 esquadrões, estes na maior parte dos casos destinados aos «destacamentos de segurança», designação geral para os destacamentos encarregados da segurança da marcha. Tambem não ha mais a protecção immediata das columnas.

Como *meios de informações* estão a exploração aerea e o combate, recém-introduzidos, ao lado dos relatorios dos agentes e do serviço de explorações da cavallaria e dos altos estados-maiores.

Na exploração aerea ha distincção entre o serviço a longa distancia e a distancia mais limitada, subordinado o primeiro ao commando em chefe de um grupo de exer-

citos ou ao commando dos exercitos, o outro a estes, aos commandantes de corpos de exercitos e ás divisões de cavallaria.

O objectivo da exploração aerea é o grosso das columnas inimigas. Mas o emprego desses processos está, provisoriamente, limitado, em consequencia da delicadeza dosapparelhos de aviação e das influencias meteorologicas.

Os officiaes dos altos estados-maiores fazem os reconhecimentos por via aerea, ou acompanhando a cavallaria. Trata-se, neste caso, de incumbencias cujo cumprimento suppõe o conhecimento perfeito das intenções do chefe.

O combate traz, na maioria dos casos, elucidación exacta, mas relativa a limitado espaço.

As «Instrucções» tratam detalhadamente da exploração pela cavallaria, mas sem novos pontos de vista essenciaes. O general em chefe ou o commandante do exercito determina para onde a massa de cavallaria tem que avançar, e como tem que proceder contra a cavallaria inimiga.

A exploração torna-se consideravelmente mais facil quando se consegue bater a cavallaria de exercito inimiga. Para estar em condições disso a qualquer momento é fundamentalmente preciso conservar as forças reunidas.

O regulamento não conhece tambem esquadrões de exploração. Instrumentos de exploração á distancia são, como até aqui, patrulhas independentes de reconhecimento ou destacamentos de descoberta.

As mais das vezes, poderá a exploração da cavallaria descobrir, apenas, as linhas geraes das posições inimigas, ou trazer informações negativas. Segundo as circunstancias, pôde-se reforçar a cavallaria do exercito com batalhões de infantaria ou destacamentos mixtos. Isto não deve, porém, de nenhum modo, perturbar a mobilidade da cavallaria, e restringir seu campo de acção.

CAPITULO IV

OS AUXILIARES DO COMMANDO — REDACÇÃO DAS ORDENS — PARTES E RELATORIOS SERVIÇO DE LIGAÇÃO

Os auxiliares do commando são os estados-maiores e as autoridades administrativas (services).

Suas attribuições estavam já precisamente indicadas no antigo regulamento para o serviço de campanha.

O papel consultivo do estado-maior está mais desenvolvido do que antigamente. Suas attribuições principaes são o exame e elaboração das informações e a manutenção das ligações. O chefe do estado-maior deve, sem reservas, exprimir seu modo de ver quando a isso fôr convidado. Uma vez, porém, que o commando tenha tomado sua resolução, deve elle abster-se de continuar a externar sua opinião.

Com relação aos serviços administrativos, nada traz o regulamento de essencialmente novo. Antes de tudo, os funcionarios respectivos tem que providenciar para que o serviço de abastecimento não cause embaraços ao desenvolvimento das operações.

Relativamente á redacção das ordens ha, como até aqui, a distincção entre *directiva* (instruction) e *ordem*.

As disposições sobre a fórma dos relatorios correspondem ás do regulamento allemão.

A ligação entre as differentes parcellas do exercito mereceu dos francezes os espezias cuidados de sempre. As novas instrucções dão, para isso, precisas indicações. Ellas não se limitam, porém, a regular o serviço de communicações entre commandos superiores, subordinados e visinhos, mediante agentes de ligação, mas dão também indicações bem definidas sobre a conducta das proprias tropas relativamente á acção do conjuncto. Cada parcella da tropa deve, em principio, appressar-se em socorro do visinho ameaçado quando sua missão o permite. Inversamente, o visinho não deve invariavelmente contar com esse apoio, sim saber por si mesmo tirar-se de embaraços.

FIM

A direcção superior do exercito francez termina manifestando, de maneira inequivoca, com as seguintes palavras, sua vontade de pôr um termo á lucta das opiniões:

« As *Instrucções* servirão ao Estado-Maior de guia no preparo e execução das operações, tanto sobre a carta como no terreno. Ellas representam o compendio tactico a que em absoluto se devem reportar o ensino da escola superior de guerra e o curso do alto commando em Paris (centre des hautes études).

« Assim se conseguirá desenvolver, em todas as camadas do exercito, a unidade de principios e de esforço, que na guerra produzirão abundantes fructos ».

A tactica da cavallaria

Do "Löbell's Jahresberichte 1913"
Klinger

I — Generalidades

Durante a guerra dos Balkans tornou-se a ouvir a opinião de que a cavallaria representava um papel secundario n'essa campanha, e que assim ficava mais uma vez demonstrado que a importancia da cavallaria como arma essencial está diminuida. Agora, depois que pelo menos quanto á primeira guerra Balkanica, existem dados precisos, a opinião dos competentes é outra, quasi opposta áquella.

Reconheceu-se que máo grado sua inferioridade numerica, a cavallaria prestou bons serviços e muitas vezes interveio decisivamente nos acontecimentos.

Porém mais do que das acções de guerra de facto desempenhadas pela cavallaria nessa campanha, conclue-se do curso geral dos acontecimentos que uma numerosa cavallaria de exercito, bem commandada, teria representado justamente n'essa guerra um papel saliente, talvez decisivo.

Quasi todos os exercitos reconheceram esta verdade e d'ahi deduziram o augmento necessario de sua cavallaria. A Allemanha não só creou novas unidades, como também augmentou o effectivo de paz. Na França o augmento do tempo de serviço fez augmentar os effectivos e cogita-se seriamente de transformar todos os esquadrões - de - deposito em esquadrões de campanha, o que augmentará quasi de $\frac{1}{5}$ a cavallaria franceza. Na Austria foi resolvida a creação de mais dois regimentos e espera-se augmentar consideravelmente a cavallaria divisionaria.

Quanto á instrucção tactica da cavallaria, especialmente em grandes unidades, trabalhou-se muito em 1913. Assim foram experimentados por toda a parte os novos regulamentos que em geral se assemelham ao allemão.

Na questão da arma branca da cavallaria — espada ou lança — augmentou consideravelmente o numero dos partidarios desta, bastando citar que toda a cavallaria franceza é agora armada á lança, bem como a russa, pelo menos na primeira fileira. Identica tendencia accusa a Inglaterra; a Austria continua a resistir a essa solução. As experiencias colhidas na ultima guerra são favoraveis á lança. Em um artigo publicado no M.W.B. o tenente-coronel Veit, que fez a campanha como commandante de um regimento de lan-

ceiros em uma divisão de cavallaria turca, assevera que num ataque dessa divisão contra infantaria, foram os lanceiros que arrancaram a decisão, e que também no serviço de patrulhas sobresahiu a importancia dos lanceiros. Assim, as patrulhas dos regimentos não armados de lança eram, a pedido de seus commandantes, reforçadas de alguns lanceiros, que faziam a ponta.

Apezar dos progressos da aviação, confirmou-se a convicção de que o esclarecimento aereo jamais poderá substituir de todo o esclarecimento pela cavallaria. Nos exercicios de grandes unidades, as esquadras aereas foram, em geral, subordinadas aos commandantes de cavallaria do exercito, afim de assegurar a unidade nas ordens para o esclarecimento aereo e da cavallaria. Essa medida deu bons resultados.

Em toda a parte desenvolveu-se a dotação de meios technicos de communicações para a cavallaria. Occupa o primeiro logar a radiographia.

Em resumo, infere-se que a cavallaria soube manter e consolidar sua posição e importancia, como uma das armas essenciaes,

II — A cavallaria na guerra dos Balkans

Apezar da numerosa litteratura que já existe sobre esta guerra, têm-se a impressão de que ainda não estão esclarecidas todas as suas circumstancias. Comtudo, pôde-se já construir um quadro do papel geral desempenhado pela cavallaria, e, digamos desde logo, este não podia ser decisivo, porque a proporção da cavallaria para as outras armas, em todos os belligerantes, era muito fraca, e porque o terreno, em sua maior parte, era muito desfavoravel ao emprego d'ella.

O commandante superior turco, Abdullah Pachá, queria primeiramente aguarar o ataque bulgaro na linha Kirk-Kilisse—Adrianopolis. Importava ter quanto antes noticias da direcção da vanguarda bulgara e da repartição das forças principaes desse exercito. Para esse fim, a divisão de cavallaria turca foi lançada a grande distancia á frente do exercito, e foi-lhe attribuida uma zona muito larga para exploração.

A divisão de cavallaria turca compunha-se de 3 brigadas de dois regimentos, com artilharia a cavallo e metralhadoras. Sua composição, porém, variou muito; a principio foi reforçada pela brigada independente Ibrahim, mas foi successivamente reduzida, chegando á posição de Tchataldcha sómente com um terço do effectivo inicial.

De toda a divisão só um regimento era armado de lança; toda a cavallaria era armada de modernas clavinas Mauser, conduzidas a tiracollo. Commandava a divisão o general Salib Pachá, conhecido por sua audacia, decisão, resistencia ás privações e ardente amor patrio.

Como já se disse, no inicio da guerra estava a divisão de cavallaria na frente do exercito, com missão de descobrir a direcção da offensiva bulgara. Diante da ala direita turca, além de Kirk-Kilisse, estende-se a serra Strandza, invia e coberta de matto espesso, de sorte que não se esperava que os bulgaros por ahi lançassem forças consideraveis; assim, a divisão de cavallaria achava-se mais á frente e esquerda do exercito. Sua massa ficou, a principio, em torno de Sejmen, tendo fortes destacamentos de exploração avançados até a linha Vajsal-Hauli-Jenidze (á margem do Tundza). Logo que as patrulhas de officiaes avisaram a aproximação das columnas bulgaras, a divisão avançou para Vajsal, onde teve occasião de atacar uma brigada de infantaria bulgara, que avançava imprudentemente, e lançal-a no matto. Então a chefia do exercito turco foi precisamente informada dos movimentos das columnas bulgaras, que se dirigiam contra sua frente e ala esquerda. Mas não foi descoberto e avisado o movimento do 3º exercito bulgaro, que, contra a expectativa dos turcos, transpoz a invia serra de Strandza, avançando contra a ala direita turca, vindo depois arrancar a decisão desfavoravel aos turcos na batalha de Kirk-Kilisse. Dahi se fez a mais grave accusação á cavallaria turca, ao que parece, sem razão, pois o commando superior turco havia excluído da missão da cavallaria a exploração dessa região.

Durante a infeliz batalha de Kirk-Kilisse estava a cavallaria turca na ala esquerda onde cobriu a retirada precipitada para a linha Lule-Burgas—Baba Eski.

Durante a batalha de Baba Eski a cavallaria manteve-se junto a essa localidade, no valle do rio Ergene. Ahi ella logrou, pela sua artilharia e combatendo pela clavina, attrahir sobre si consideraveis forças inimigas, e é á divisão de cavallaria que se deve o haver a ala esquerda turca conseguido retirar, com perdas insignificantes, para a posição de Tchataldcha. A divisão ainda se manteve algum tempo em Corlu, e só mais tarde recolheu-se ao abrigo da posição Tchataldcha.

Positivamente pôde-se concluir que a divisão de cavallaria turca prestou excellentes

serviços. Si os turcos também dispuzessem de uma divisão de cavallaria em sua ala direita, com um chefe tão activo quanto Salih Pachá, talvez tivesse sido outro o resultado dessa campanha da Thracia. E' que uma divisão de cavallaria era muito pouco para o exercito turco.

* * *

Do lado dos bulgaros formaram-se tres exercitos. Parece que a repartição da cavallaria foi feita de modo a deixar uma brigada a cada exercito, e o resto da aliás pouco numerosa cavallaria, reunido em uma divisão, cuja composição parece não ter excedido de quatro regimentos de 3 esquadrões. Essa divisão era dotada de metralhadoras, mas não de artilharia.

Essa divisão de cavallaria, no inicio da campanha operou na frente do III Exercito, na orla occidental da serra Strandza, avançando sobre Kirk-Kilisse. Sua exploração funcionou bem, favorecida pelos habitantes, sympathicos, que almejavam a libertação do jugo turco. Nas batalhas que se seguiram pouco sobresahiu a cavallaria bulgara, que também nada fez na perseguição, podendo-se dizer que falhou de todo. Raramente uma cavallaria terá taes occasiões de salientar-se como as que ahi deixou escapar a cavallaria bulgara.

Na retirada, qual fuga, dos turcos, a influencia de alguns esquadrões teria sido extraordinaria. Pôde-se concluir com certeza que os turcos não teriam logrado fazer nova frente em Tchaldcha si os bulgaros dispuzessem de uma cavallaria de exercito mais numerosa, e mais bem commandada. Erradamente, porém, a cavallaria bulgara não agia depois dos combates. Isso trazia, para o commando superior do exercito bulgaro, essa outra consequencia prejudicial, de nunca ser esclarecido sobre a grandeza do successo alcançado, e assim deixava de ordenar as medidas para a perseguição energica com todas as forças. Nem se sabia, depois dos combates victoriosos, qual a direcção e destino da retirada inimiga, e quando, passados dias, os habitantes traziam taes informações, era mister proceder a demoradas conversões de todo o exercito.

Uma prova da scandalosa inercia da cavallaria bulgara é que os turcos muitas vezes conseguiram, passados dias, reconduzir peças de artilharia abandonadas nas retiradas. Além disso, a cavallaria bulgara que, nas ultimas phases da campanha, estava opposta á cavallaria turca, não tratou de atacar essa para pô-la fóra de acção.

Uma brilhante excepção apresenta a con-

ducta da 3.^a brigada de cavallaria bulgara, commandada pelo coronel Taneff. Essa brigada cooperava com o II Exercito bulgaro, e desde os primeiros encontros, onde combateu a pé, effectuando um movimento envolvente, tomou parte saliente na acção. Num desses combates foi mesmo a brigada de cavallaria que, com esse processo de combate, trouxe a decisão. Mais tarde, ella foi empregada no fechamento do cerco de Adrianopolis, pelo sul. Depois, ahi rendida por tropas servias, o coronel Taneff recebeu a missão de avançar sobre Dedeagatch e atacar um destacamento turco, composto principalmente de formações de reserva. O commandante turco desse destacamento, laver Pachá, tinha até então podido deter uma força bulgara, numericamente superior, que havia chegado até Kirdzale. Para isso, a brigada de cavallaria Taneff foi reforçada de artilharia, metralhadoras e alguns batalhões de reservistas macedonios. A missão dessa força implicava em apoderar-se de Dedeagatch, e depois agir contra a retaguarda do destacamento laevr Pachá, cooperando com a força bulgara de Kirdzale. A cooperação dessas duas forças bulgaras, tão separadas, era essencial, e só podia ter logar mediante sua constante ligação. Além disso, o coronel Taneff tinha que proceder com a maxima energia no seu movimento envolvente, sem o que a outra força corria o risco de ser batida isoladamente pela força turca superior.

O coronel Taneff resolveu brilhantemente a missão, conseguindo com a sua brigada de cavallaria, não só bater laver Pachá, mas até obrigar-o a entregar-se prisioneiro com a maior parte de suas forças. O coronel Taneff é um bello exemplo da influencia da personalidade dum chefe, especialmente na cavallaria.

* * *

O exercito sérvio dispõe de uma divisão de cavallaria de 4 regimentos, organizada desde a paz. Ao romper a guerra, o commando dessa divisão foi confiado ao principe Arsenio, irmão do rei.

Essa divisão prestou bons serviços, o que é tanto mais valioso quanto o terreno, muito montanhoso, da Macedonia, oppõe grandes difficuldades ao emprego duma cavallaria de exercito. Os turcos não dispunham de uma unidade de cavallaria para oppôr a essa divisão sérvia.

Como os outros exercitos colligados, também os servios, logo após a declaração de guerra, tomaram a offensiva em direcção ao sul. Suppunham encontrar os turcos numa

posição fortificada em Zasko Polje. O comandante turco da Macedonia, Zekki Pachá, era de opinião que a melhor maneira de oppôr-se ao ataque servio, era elle mesmo tomar a offensiva. Elle tencionava agir pelo combate frontal contemporisante, e applicar a força principal em sua ala direita. Si a execução desse plano tivesse sido bem succedida, os servios, realmente, ficariam em situação difficil. Foi a cavallaria servia que deteve esse ataque envolvente turco, até que se pudessem prolongar a ala esquerda servia; essa divisão de cavallaria havia sido lançada em direcção a Kumanowo, na ala esquerda do exercito. Chegando a essa região, ella achou-se em frente ás forças turcas numericamente superiores, que contra ella avançavam. Eram as columnas que Zekhi Pachá havia destinado ao ataque envolvente da ala esquerda servia. O principe Arsenio, que a tempo reconheceu o perigo, fez sua divisão apeiar para o combate á clavina, e repartiu seus atiradores, suas peças de artilharia e metralhadoras com grandes intervallos, com tal habilidade que os turcos suppozeram que defrontavam, pelo menos, com uma divisão de infantaria. O consequente desdobramento de suas forças roubou-lhes tanto tempo que a divisão de cavallaria servia conseguiu detel-os quasi todo o dia, dando tempo a que chegasse a infantaria. A cavallaria servia sobresahiu-se no combate de Kumanowo, e no resto da campanha sempre operou á frente de seu exercito, e co-operou brilhantemente na perseguição do exercito turco batido. Refugiados os turcos na Albania, não pôde continuar a agir a cavallaria servia, devido á natureza profundamente accidentada do terreno, que impede, quasi que em absoluto, o emprego dessa arma.

Quanto á cavallaria grega, oppuzeram-se ainda em mais alto gráo as difficuldades do terreno montanhoso. Havia uma brigada independente de 17 esquadrões, mas foi successivamente reduzida, ne modo que, durante as proprias operações, ella só apresentava oito esquadrões de 70 homens. Ella manteve-se á frente do exercito, fazendo a exploração, durante os combates, aos quaes o terreno impunha a feição de guerra de posição, a cavallaria não agiu. Ella teria podido obter um brilhante exito, se tivesse effectuado um *raid*, contornando a ala direita turca até sua retaguarda, e destruisse a ponte do Vardar, na unica linha de retirada turca; mas a brigada de cavallaria grega era, numericamente, insignificante, e os caminhos das serras eram veredas difficeis.

Fabrica de cartuchos e artefactos de guerra do Realengo. * * *

Um artigo ultimamente publicado na edição da tar-

de do "Jornal do Commercio" e o novo regulamento da fabrica recém-estampado no "Diario Official" movem-nos a chamar a attenção de todos os interessados na nossa defeza militar, e com especialidade a das autoridades por ella responsaveis, sobre a verdadeira situação d'esse estabelecimento.

Embora contando já 25 annos de existencia, só nos ultimos 5 a 6 annos foi que ella começou a ser assumpto das devidas cogitações. A dotação do nosso exercito com o fuzil 1908 e a consequente introdução dos projectis ponteagudos, exigiram grandes encomendas de munição á Europa, as quaes poderiam ter sido sinão evitadas, pelo menos, consideravelmente reduzidas si a nossa fabrica apresentasse então a capacidade productiva das suas congeneres de exercitos europeus, mesmos secundarios ou do exercito argentino.

Com a acertada convicção da absoluta necessidade que temos de uma fabrica de munição capaz de abastecer o exercito em qualquer emergencia, iniciou-se em 1909 e 1910 a construcção de novas dependencias e a aquisição de machinas modernas.

Fizeram-se grandes encomendas de machinas não só para a munição de fuzis, mas também para a fabricação de cartuchos de nossas peças de artilharia, calibres 7.5; 10.5 e 15 cm. e formou-se um grande stock de material para a fabricação de estojos da munição de fuzil. Essas tres categorias de despesas importaram em, respectivamente, 400, 500 e 1500 contos de reis.

Com as obras das dependencias accrescidas e modificadas foram dispendidos mais de 400 contos.

Apezar, porem, d'esses sacrificios financeiros a fabrica hoje em dia não produz mais que nos annos anteriores, isto é, ella so se occupa com a elaboração do material comprado na Europa, para os cartuchos, e isso apenas na proporção extremamente modesta de seis milhões de cartuchos-bala P e cerca de tres milhões de cartuchos de festim por anno. Esse rendimento absolutamente não corresponde ao grande numero de funcionarios e operarios que vencem no mesmo espaço de tempo cerca de 750 contos.

As secções para o fabrico dos elementos dos estojos e para o dos da artilharia não funcionam.

Quaes serão as causas de não funcionar a fabricação com o resultado que o interesse da Nação exige?

Será por falta de idoneidade do director technico ha um anno contratado na Europa e que já chegou ha mais de meio anno?

Ou as despesas até agora feitas com a compra de machinismos ainda serão insufficientes?

Ou será por falta de pessoal operario habilitado?

* *

A primeira perguuta deve ser respondida negativamente. Basta lembrarmos que o especialista em questão foi, durante treze annos, director de duas fabricas europeas reconhecidas de 1.^a ordem. Esta hypothese tem que ser, pois, regeitada *in limine*. Quanto á segunda, parecerão ao leigo muito elevadas as quantias gastas com as machinas ultimamente adquiridas; mas quem tiver uma noção do que seja uma moderna fabrica de munição, comprehenderá ao contrario, que os sacrificios financeiros já feitos não podem bastar para transformar a atrasada fabrica que o Brazil possuia em 1910, n'um estabelecimento bastante ás necessidades do exercito.

De facto, as installações de nossa fabrica são a tal ponto deficientes que mesmo o mais competente especialista não poderá fazer com que o paiz d'ella aquiria o necessario resultado. Dest'arte o grande stock de material para essa munição vem a ser um **capital morto** e o ha de ser até que se completem as installações, ao ponto de permittirem uma fabricação racional.

Por outro lado, as **machinas** compradas para o fabrico de estojos da munição de artilharia **são completas e das mais modernas** que havia ao tempo da compra, **mas** em contraposição á munição de fuzil, aqui **o stock** de materia prima **é igual a zero**.

* *

E o operariado? Os trezentos e tantos operarios empregados na fabrica não produzem mais que a quantidade já citada de munição de fuzil e pequena porção de espoletas de artilharia. Para que esse pessoal renda o necessario será preciso, depois de completados os machinismos, eleva-lo ao triplo ou quadruplo, ou será tambem devido á qualidade dos operarios que o rendimento actual é tão insignificante?

Esta segunda hypothese é mui provavelmente a verdadeira.

Mas qual será a causa da incapacidade dos operarios da fabrica? Não se póde dizer

que o operario brasileiro, em geral, comparado ao de outros paizes, esteja tão atrasado. Provam sobejamente o contrario as numerosas emprezas industriaes particulares que alcançam os melhores resultados com seus operarios brasileiros, de todas as profissões.

A causa em questão não póde ser, portanto, senão a falta da conveniente preparação do operariado brasileiro para esse fim muito especial do fabrico de munições.

Não admira que um pessoal que por muitos annos rendeu quasi nada, habituado a ser pago independentemente da obra produzida, não se modifique d'um dia para o outro. E' que na maioria dos operarios o longo periodo passado em taes condições matou não só a boa vontade, mas mesmo a capacidade para o trabalho. Uma limpeza radical n'esse operariado é pois o unico recurso para melhorar esse estado de coisas: aquelles que forem aproveitaveis — e admitamos, para honra nossa, que são a maioria — precisam ser convenientemente preparados, e os mais substituidos por sangue novo.

* *

A' primeiro vista, dada a crise actual financeira, parecem inoportunas essas observações sobre esta fabrica nacional, porque os remedios indicados custam dinheiro. Mas justamente do elevado ponto de vista do patriotismo e da sabia economia, impõe-se a urgente adopção dos meios e modos que nos assegurem, com os recursos minimos, o necessario remuniamento. E a unica solução está no prompto desenvolvimento da nossa fabrica, em machinas, material e pessoal.

Deixando mesmo de lado o mais rudimentar argumento de economia, que exige façamos o nosso aprovisionamento em munições pelo processo o mais barato, a segurança nacional reclama que se desenvolva a nossa fabrica ao ponto de nos emanciparmos do estrangeiro. Em caso de guerra, quer no continente, quer na Europa, ficaremos totalmente cortados do fornecimento europeu, e então a insufficiencia de nossa fabrica evidenciar-se-á amargamente.

A Republica Argentina está n'esse assumpto muito mais adiantada que nós.

Os meios pecuniarios a empregar não serão exagerados, e mesmo que atinjam á cifra dos já concedidos nos ultimos annos, serão certamente muito bem applicados. Assim não só teremos uma fabrica em todos os sentidos capaz, mas tambem valorisar-se-á o enorme capital morto que jaz actualmente na fabrica e evitar-se-á que continuem a ser im-

proficuas as vultuosas despesas de salarios, ordenados e gratificações. *Steiger*

Na situação actual da fabrica, só se pôde lamentar a sua destitosa identidade com a do exercito mesmo.

Si temos um *exercito orçamentivoro*, sem tropa e sem serviços capazes de funcionar temos tambem essa *fabrica verbivora*; sem nenhuma eficiencia.

Si se deu agora em espalhar a todos os ventos — felizmente não sopra vento nenhum! — que o exercito está archi-apparelhado, é logico, é consequente, que se descante por toda a parte a eficiencia estupenda da fabrica do Realengo. *Keinger.*

ESTUDO SOBRE METRALHADORAS

CAPITULO I

Principios fundamentaes de organização

A — Modo de transporte

A questão do modo de transporte é, sem contestação, uma das de mais saliente, distincta pronunciada importancia na organização das unidades de metralhadoras, principalmente pela grande connexidade que existe entre ella e a questão do modo de emprego dessas armas.

Dois são actualmente os principaes modos de transporte para as metralhadoras, si bem que muitos outros existam: o transporte sobre rodas (tracção) e o transporte a dorso (em animais cargueiros).

Confesso com franqueza as minhas sympathias extremadas pelo segundo modo, quer se trate de metralhadoras de infantaria, quer de metralhadoras de cavallaria. E a ninguém pareça isto simplesmente... «liberté d'opinion, des gouts et des couleurs,» ao dizer do capitão Cesbron Lavau no seu precioso livro — *Mitrailleuses de cavalerie*.

Bastas são as razões que me assistem na estima particular que consagro ás metralhadoras de condução em cargueiros, tanto de ordem tactica, quanto de ordem technica.

Em primeiro lugar, a metralhadora sobre rodas, por mais leve que seja o seu reparo especial, é uma arma de tal modo dependente do terreno que multiplas e variadas serão as circumstancias na guerra em que se não poderá dispor dos seus inestimaveis serviços, dos seus reconhecidos meritos no momento opportuno e no ponto preciso, por lhe ser

difficil e por vezes inteiramente impossivel acompanhar as suas tropas em todos os movimentos destas.

Tal não succede com as metralhadoras de condução em cargueiros: raramente as más condições ou os accidentes do terreno conseguirão deter, estorvar os seus movimentos, a sua marcha.

Por onde passar um cavalleiro ou mesmo um infante as metralhadoras de condução em cargueiros passarão. Ravinas, sangas profundas e de largura regular, sebes, entre-penhas, trilhos, veredas ou atalhos e muitos outros obstaculos que as rodas não conseguirem atravessar o cargueiro os transporá.

Terrenos arenosos, vasosos ou lameirosos e nevados onde as rodas perigarem; terrenos pedregosos e escavados por onde as rodas passarem aos solavancos, podendo desse facto promanar que no mecanismo excessivamente delicado das metralhadoras se produzam desarranjos, em geral por elles os cargueiros passarão sem difficuldade ou embaraço.

Em se tratando da occupação de uma posição e que, para o fazer, forçoso seja atravessar um matagal, dada a impossibilidade de procurar o mais ligeiro desvio, pela exiguidade de tempo, não menos desvantajosas serão as metralhadoras de tracção, comparativamente ás de condução em cargueiros. Ordinariamente succeder-lhes-á nada mais nada menos do que isto: a principio ellas deslizarão suavemente; de repente, porem, se embaraçarão nas primeiras arvores rasteiras, troncos cahidos se apresentarão, galhos que se partirão se agarrarão ao eixo, aos raios ou ás pinas das rodas... e os minutos perdidos em superar todas essas difficuldades acabarão por tornar o emprego das metralhadoras inoportuno.

E' verdade que com as metralhadoras de condução em cargueiros poderá tambem acontecer que as arvores consigam difficultar a marcha, entremetendo os ramos nas partes salientes da metralhadora propriamente dita e do reparo. Mas, para remover definitivamente esse mal, existe um recurso de simplicidade soberana, aconselhado pelo capitão Lavau. Consiste elle tão somente em ter aquellas partes protegidas por um triangulo de couro ou de lona, de forma alongada, ligado pela parte anterior á hombreira e ao peitoral, que facilitará o deslissamento dos ramos pela sua superficie Outro ponto valioso que se faz mister considerar no confronto de um e outro modo de transporte é o seguinte: quando para a passagem de um pequeno

curso d'agua as metralhadoras sobre rodas, de tracção, necessitarem de uma ponte de largura muito superior a de um metro, uma de cinquenta centímetros, mais ou menos, bastará aos animaes cargueiros.

Quanto á facilidade de manejo, admitindo mesmo, como querem os partidarios esforçados das metralhadoras sobre rodas, que o manejo destas seja mais facil, isto é, admitindo que as metralhadoras de conducção em cargueiros sejam mais demoradamente retiradas dos estribos e nestes novamente collocados, do que aquellas atrelladas e desatrelladas, ou engatadas e desengatadas, conforme o systema, para a occupação de posições, esta desvantagem é mais apparente do que real, porquanto o tempo necessario para retirar dos e repor nos estribos a metralhadora e o reparo já é sufficientemente reduzido. Uma metralhadora de conducção em cargueiros, a partir do momento em que fizer alto, poderá folgadoamente estar collocada em posição de trinta a quarenta segundos depois, e em tempo igual poderá ella estar repostada no cargueiro, a não ser, bem entendido, que se torne necessario conduzi-la a braços para a retaguarda, até ao abrigo occupado pelos animaes durante a acção.

Esta facilidade de manejo das metralhadoras de conducção em cargueiros tenho tido occasião, com effeito, de constatar pessoalmente em muitos exercicios e ficou perfeitamente comprovada num concurso de tiro organizado pela Primeira Companhia de Metralhadoras. Nesse concurso, que se realizou em dezembro de 1912, graças aos conhecimentos, que já então possuíam as guarnições dos multiplos serviços inherentes á instrucção de metralhadoras a despeito de serem quasi todas constituídas de homens alistados recentemente, grande parte dellas conseguiu retirar dos cargueiros a metralhadora e o reparo, o estribo com os cofres de ferramenta, accessórios e sobressalentes e dois cofres de munição e dispor tudo isso para o tiro em meio minuto apenas.

Não se pode perder de vista, por outro lado, que as metralhadoras sobre rodas com a desvantagem de occuparem nas columnas muito maior profundidade do que as metralhadoras de conducção em cargueiros apresentam ainda o grave inconveniente de serem muito mais visiveis do que estas.

Finalmente, será sempre muito mais facil o concerto immediato de uma das peças do arriamento que se venha a quebrar, se não mesmo possivel substitui-la momentaneamente

por cinturões ou por talins das praças, conforme se trate de metralhadoras de infantaria ou de cavallaria.

A grande, a eterna, a maior exprobação geralmente feita ás metralhadoras de conducção em cargueiros pelos paladinos da tracção é que do peso morto da metralhadora e das munições poderá frequentemente decorrer, como consequencia que se produzam ferimentos no dorso dos animaes. Entretanto, é bem necessario confessar que este facto está perfeitamente desmentido pela experiencia da guerra, pois as metralhadoras de tracção adjuntas á brigada de cavallaria do principe japonês Kotoito Kanin durante a guerra russo-nipponica, quando claramente manifestos os inconvenientes resultantes do seu muito peso, foram substituidas, no decorrer da campanha, por metralhadoras de conducção em cargueiros e com reparo tripé, e apesar dessa improvisação e de fortes marchas (uma secção percorreu 44 kilometros em cinco horas) somente cinco cavallos ficaram apisoadas de 27 de fevereiro a 20 de março.

Em valioso e conhecidissimo trabalho, que publicou, depois da guerra russo-japoneza, sobre o emprego tactico das metralhadoras de infantaria, assim se exprime o capitão japonês Takenuchi relativamente ao modo de transporte: «O emprego das metralhadoras sobre rodas é passivel de graves objecções considerado do ponto de vista tactico. Este systema torna as metralhadoras mais pesadas e, portanto, poderá acontecer que se não disponha destas armas no momento preciso. Demais, durante a noite o ruido produzido pelas rodas revelará naturalmente a presença da metralhadora e, nesse caso, será praticamente impossivel, na proximidade do inimigo, transportar-a á linha de fogo. O processo sobre cargueiro com tripeça, pelo contrario, permitirá servir-se da metralhadora em todas as circumstancias. Com a adopção deste modo de transporte, a metralhadora poderá passar por toda parte e abordar todos os terrenos, sobretudo aquelles que forem inacessiveis á artilharia».

Por sua vez, o capitão Matsuda, comandante do destacamento de metralhadoras da 2ª brigada de cavallaria (principe Kanin), estudando o papel desempenhado pelo seu destacamento na referida guerra russo-japoneza, depois de observar: 1º, que atrelada a quatro cavallos a metralhadora fica impossibilitada de acompanhar a cavallaria nos terrenos difficeis, como aconteceu com o destacamento do seu commando, que devendo acompanhar a 2ª,

brigada de cavallaria em uma marcha directa de Kaio a Pensilku, conforme a ordem recebida por esta a 9 de outubro de 1904, não o poudes fazer em virtude das difficuldades do terreno e teve de passar em Anpin, o que duplicou a extensão do trajecto a effectuar; 2º que o material atrelado a dois cavallos, ligeiro e movel, é pouco solido e não permite as andaduras rapidas; 3º, que as viaturas atreladas a um cavallo se resentem de solidez e viram facilmente nas andaduras vivas, conclue proclamando a superioridade do material transportavel em animaes cargeiros sobre o material de rodas.

Bem acertados andamos, pois, adoptando para as nossas metralhadoras o transporte a dorso de animaes, a exemplo da França para as suas *Saint-Etienne*, do Japão para as suas *Hotchkiss*, da Russia para as suas *Maxim*, da Austria-Hungria para as suas *Schwarzlose* e de muitissimos outros paizes possuidores de exercitos admiravelmente organizados.

Grave erro só teriamos commettido si ao envez de havermos adquirido os nossos «regadores do diabo» visando a preparação para a guerra, os houvessemos adquirido collimando simplesmente os desfiles farfalhantes pelas ruas de nossas cidades em dias de festas nacionais, pois é sempre mais mimoso o deslizar de uma viatura leve do que o passo, o trote ou o galope de um animal de carga ao dorso.

E' de lamentar apenas que alguns defeitos se encontrem no nosso arreamento em geral e que o estribo com o reparo, que fica do lado direito do cargueiro, seja mais pesado do que o estribo com a metralhadora e o estojo com o cano sobresalente, que se acha do lado esquerdo, como aqui fica demonstrado:

Lado esquerdo

Metralhadora sem agua no cylindro refrigerante	17 ^k ,700
Estojo com cano sobresalente.	3 ^k ,300
Estribo	4 ^k ,520
Somma	25 ^k ,520

Lado direito

Reparo tripé	27 ^k ,550
Estribo do reparo	4 ^k ,590
Somma	32 ^k ,140

Esta differença de peso entre os costados da carga contribue poderosamente para o cansaço dos animaes, como tenho tido frequentes occasiões de observar nas manobras em que hei tomado parte.

Entretanto, não só os defeitos do arreamento senão essa differença de peso assignalada poderão ser facilmente removidos. E si aqui não apresento o que nos cumpre fazer nesse sentido, é por não ter espaço sufficiente para discussão de ordem technica, como esta, que demanda um certo desenvolvimento.

Aspirante **João Pereira de Oliveira.**

(Da 1.ª companhia de metralhadoras.)

Serviço de sapa em campanha para todas as armas

II

Rampas de urgencia. GENERALIDADES.

44. Em casos de urgencia (paralyção do trafego, accidentes, interrupção do trafego na proximidade do inimigo) os trens militares tem que descarregar em plena via, isto é, fóra dos caes de desembarque. Para isso elles são dotados de material de rampas de urgencia.

O commandante do transporte, depois de entender-se com o chefe do trem, decide se o desembarque se faz no ponto onde o trem teve que parar, ou si o trem avança ou recua para um ponto mais favoravel ao desembarque, ou até á estação seguinte ou precedente.

45. O movimento do transporte para o ponto de desembarque e os cuidados contra accidentes do trafego são da alçada do chefe do trem.

A segurança tactica e a ordem a observar no desembarque incumbem ao cdte. do transporte.

46. Accelera-se consideravelmente a construcção das rampas de urgencia designando as turmas de construcção antes do desembarque, durante a viagem, e instruindo-as sobre os lugares em que está acondicionado o material das rampas, no trem. Em geral, elle estará repartido em todo o trem, pois que a administração da estrada de ferro emprega esse material nos carros de mercadorias. Em terreno favoravel podem ser construidas diversas rampas lateraes para o desembarque simultaneo.

47. Os carros são conduzidos até a rampa um por um e depois afastados a braço (oito homens para um carro); os grupos de carros são movidos a machina. Os homens só impellem ou puxam os carros pelos seus lados, nunca entre os trilhos; nas descidas é preciso proceder com vagar; para deter os carros não devem oppôr-se-lhes de frente, sómente puxal-os em sentido contrario ao do movimento. Detido o carro, é preciso fixal-o apertando o freio, na falta d'este calçando o primeiro par de rodas.

48. Mesmo trabalhando no carro parado os homens não devem metter-se entre os trilhos nem entre linhas; o cdte. do transporte, de accordo com o chefe do trem, scientifica o pessoal dos limites em que fica suspensa essa prohibição, quando se empregar rampa de topo. A ligação e o desligamento dos carros, bem como o serviço do freio, só devem ser feitos pelos empregados do trem.

49. Desembarque de cavallos em plena via, sem rampa de urgencia, vd. Regulamento do Serviço em Campanha 548.

«R. S. de C. § 548: Em ultimo caso tambem pôde ser feito o desembarque de cavallos em

plena via, sem rampa: um homem, fóra do carro, segura o cavallo pela arreata, ou por uma corda enlaçada na altura da ganacha e passada por dentro da sisgôla, enquanto dois homens, d'um lado e d'outro do cavallo dão-se as mãos por traz d'elle, na altura das nadegas, e assim o empurram para a frente no momento em que elle levanta o antemão para saltar abaixo. Contudo em tal desembarque é difficil de evitar ferimento d'um ou d'outro animal».

Nota do traductor: Vi muitas vezes applicar na Allemanha, e na bateria onde sirvo tem sido applicado com exito, esse processo para o embarque de animaes recalcitrantes. Passado um tirante ou uma corda á guisa de retranca, pôdem intervir mais homens para impellir o animal pela retaguarda.

Execução

50. Cada trem militar conduz o seguinte material para rampas de urgencia:

10 barrotes compridos, de 6m \times 10cm \times 10cm

10 barrotes curtos, de 2m, 25 \times 10cm \times 10cm

24 taboleiros de 2m, 25 \times 60cm, tendo na superficie superior 2 sarrafos longitudinaes, na inferior 4 travessas de ligação.

20 grampos de ferro.

Esse material é completado com recursos do lugar de desembarque (estacas para fixar o pé da rampa, calços, etc.). Em ultimo caso recorre-se, para esse fim, á ferramenta de campanha*. (Picaretas, machadinhas, páos de barraca).

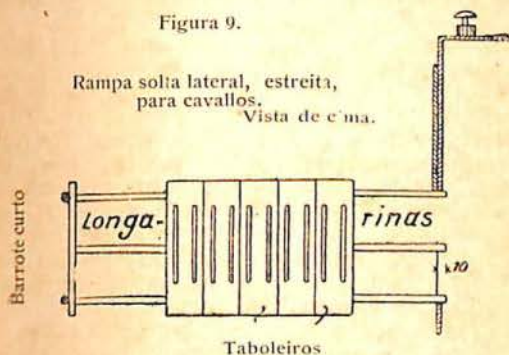
As rampas pôdem ser livremente apoiadas aos carros ou receber uma instalação fixa.

Rampas soltas

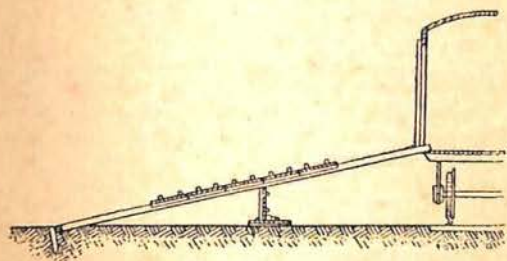
(Rampas soltas estreitas para cavallos. Fig. 9).

Figura 9.

Rampa solta lateral, estreita, para cavallos.
Vista de cima.



Taboleiros



Vista de lado

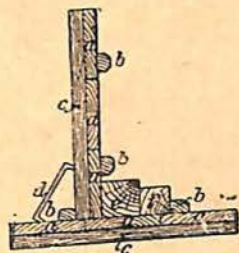
51. Collocam-se os barrotes compridos na porta do carro, de modo que excedam de 10cm a aresta do estrado. O intervalo dos 2 barrotes extremos deve corresponder approximadamente ao das duas travessas extremas dos taboleiros.

(*) Na paz é prohibido.

O pé da rampa é constituido por um barrote curto, um pouco enterrado e calçado por estacas. A rampa recebe um suporte em seu meio, constituido por dois taboleiros ligados em T invertido, como mostra a fig. 10, ou mediante cavalletes improvisados.

Figura 10

Supporte para figura 9.



a—Taboas....
b—Sarrafos..
c—Travessas
d—Grampo
e—Barrote curto
f—Cunha

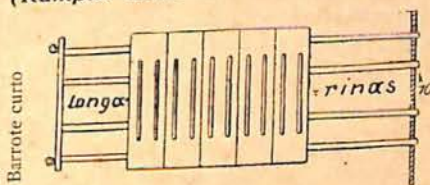
Cobrem-se as longarinas (barrotes compridos) a partir de cima, com os taboleiros, ficando o primeiro bem encostado ás paredes do carro, e ligado ao seu estrado por dois grampos. Ficando ahi uma fresta consideravel é preciso cobri-la por 2 taboleiros postos ao comprido. O ultimo taboleiro deve topar no barrote do pé ou ser calçado com estacas. Si a rampa ficar muito inclinada fixam-se os taboleiros sobrepondo-lhes nos extremos dois barrotes compridos, presos por meio de grampos.

Os cavallos mostrando-se inquietos pôde-se limitar a rampa lateralmente collocando sobre ella, dois taboleiros de cutello.

Material e pessoal para o serviço d'uma rampa vd 52.

(Rampas soltas estreitas para viaturas. Fig. 11)

Figura 11



Rampa solta lateral estreita, para viaturas

Taboleiros

52. A rampa recebe 4 longarinas com intervallos approximadamente iguaes aos das travessas dos taboleiros. Os extremos superiores das longarinas apoiam-se sobre um dormite, constituido por um barrote curto, onde tambem se applica outro taboleiro para estabelecer a ligação entre o alto da rampa e o estrado do carro (como fig. 16).

Material necessario: Rampa para cavallos 3 longarinas, para viaturas 4, 2 barrotes pequenos, 12 a 14 taboleiros, 4 a 6 grampos; alem d'isso uma longarina para erguer a rampa pelo alto quando se quer mudar o carro.

Pessoal necessario: Para cada rampa, um inferior e 6 a 10 homens, em 5 a 10 minutos.

(Rampas soltas largas para viaturas. Fig. 12).

53. Para viaturas compridas e pesadas é preciso ajuntar duas rampas estreitas. Para que os taboleiros não empinem no meio da rampa larga, isto é, nos topos onde se ajuntam as duas rampas estreitas, é preciso ahi collocar duas longarinas. (a na fig. 12). **Material necessario:** 10 longarinas, 2 barrotes curtos, 24 a 26 taboleiros, 8 a 12 grampos. **Pessoal necessario:** um inferior e 12 homens em 10 a 15 minutos.

Serviço das rampas

54. Despachado um carro levanta-se a rampa por meio de uma longarina ou páo forte, em sua parte superior, e retirado o carro, arria-se-a sobre o novo. Para uma rampa pequena bastam 4 a 6 homens, para uma grande são necessarias 9 a 12.

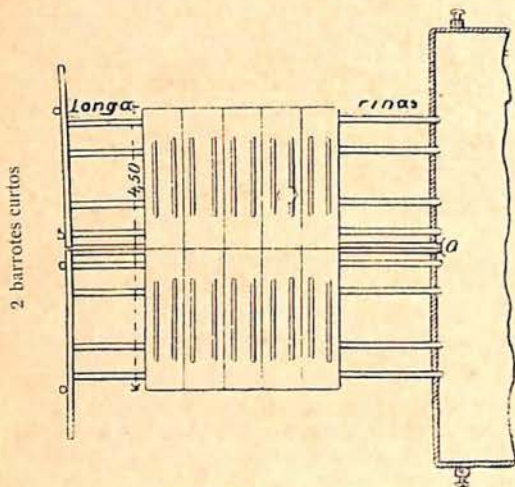


Figura 12

Rampa solta lateral larga, para viaturas
Vista de cima

55. O levantamento frequente da rampa fatiga os homens; havendo uma linha disponível é preferível fixar ali um carro sem bordas que se liga ao carro a descarregar por uma ponte constituída de dois taboleiros (N. 50); a rampa é então ligada ao referido carro fixo. (Fig. 13).

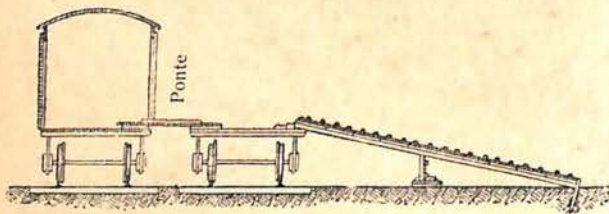


Figura 13

O carro sem bordas deve ser immobilizado por meio de calços

(Rampas soltas para casos especiaes)

56. Si os carros têm as portas muito baixas procura-se baixar a cabeça da rampa, como na fig. 14.

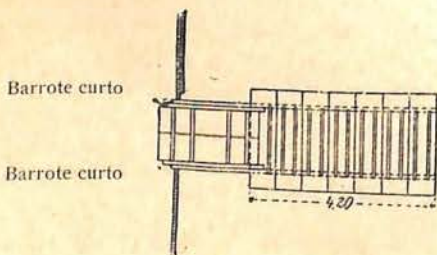


Figura 14

Rampa solta para carro de porta baixa
Vista de cima

A rampa só recebe 2 longarinas com o intervalo justamente igual á largura de 2 taboleiros, que postos ao

comprido sobre 2 barrotes curtos, fazem a ligação da rampa ao carro. Faz-se a collocação dos taboleiros sobre as longarinas como no N. 51, e depois tiram-

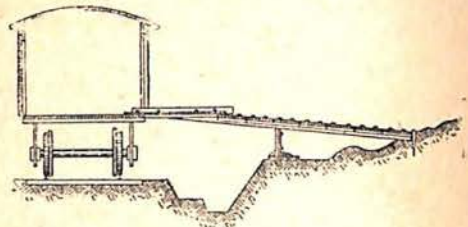


Figura 14
Vista de lado

se os dois de cima. No espaço descoberto d'ahi resultante collocam-se os 2 taboleiros citados, com as travessas para cima, de modo que os sarraços da outra

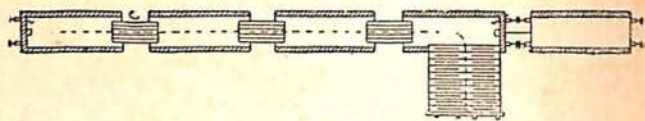
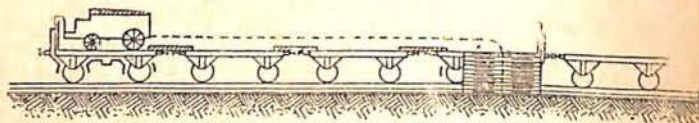


Figura 15

Rampa para desembarque por grupo de carros

borda fixa



face topeem contra o primeiro taboleiro da rampa. Externamente, entre esses 2 taboleiros e as longarinas colloca-se de cada lado um barrote curto.

57. Os carros sem bordas, ou retiradas as bordas transversaes, pôdem ser ligados para o descarregamento por grupo. Então se applica a rampa ao carro extremo do grupo.

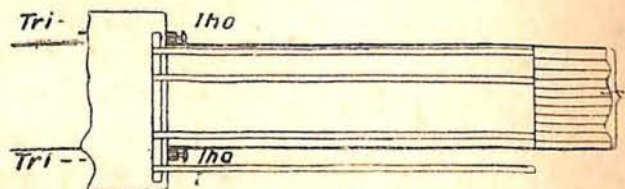


Figura 16

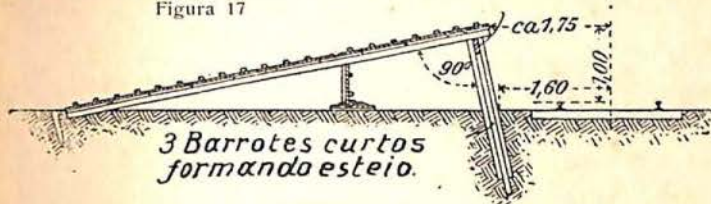
Rampa solta de topo

Rampas soltas de topo *

58. A construção de rampas soltas de topo, como fig. 16., pôde ser vantajosa quando um grande numero de carros contíguos tem portas nas paredes transversaes, ou bordas moveis. O apoio da rampa sobre o carro deve ter a altura necessaria para que não haja pressão sobre os para-choques.

As longarinas são apoiadas no pé contra um dos dormentes da linha. Uma certa extensão entre os trilhos, no pé da rampa, deve ser nivellada com estes mediante barrotes, taboleiros, etc. (a) de modo a facilitar a sahida das viaturas.

Figura 17



Rampa fixa lateral

Dormente de 2 barrotes

Material necessario: 4 longarinas, 3 a 4 barrotes curtos, 13 taboleiros, 6 a 8 grampos.

Pessoal necessario: Um inferior e 10 homens em 15 a 10 minutos.

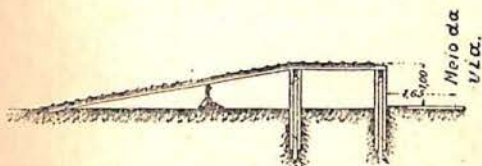
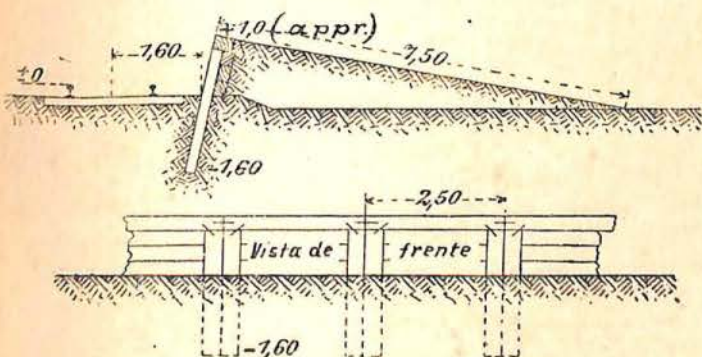
Figura 18
Plataforma

Figura 19

Rampa fixa lateral de trilhos e dormentes

Encaixe dos trilhos nos dormentes

[*] Na paz é prohibida a construção de rampas soltas de topo em plena via.

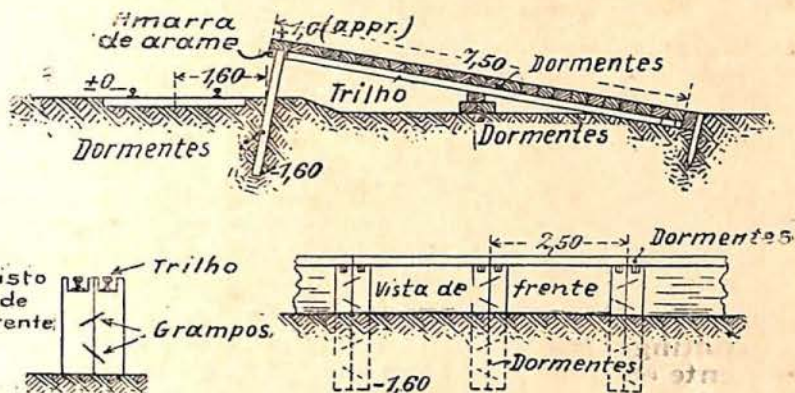


Figura 20

Rampa fixa lateral de dormentes e terra

Rampas fixas

59. As rampas fixas só se constróem como lateraes. A rampa apoia-se (Fig. 17) sobre 2 ou 3 esteios, conforme sua largura; cada esteio é constituído por tres barrotes curtos contíguos, fincados de modo que o do meio fique mais enterado que os 2 outros, formando assim uma forquilha para o dormente (2 barrotes curtos sobrepostos). Entre a rampa e o carro é preciso estabelecer uma ponte (fig. 13).

Uma plataforma como fig. 18., torna o embarque e desembarque muito commodos.

Rampas de urgencia de material improvisado

61. A fig. 19 dá uma indicação para rampas fixas de trilhos e dormentes, a fig. 20, para rampas de dormentes e terra.

(Continúa).

Carta de um chim

«Srs. redactores da «A Defeza Nacional». Tenho lido e apreciado muitissimo a vossa excellente revista e, convencido do elevado patriotismo que transpira em cada linha de suas publicações, especialmente nos artigos de combate aos rabichos da actual situação militar de transição, tomo a resolução de dirigir-vos a presente.

Si ella vos trouxer algum conforto e animação, segundo o apothema konfutsseiano de que mal de muitos consolo é, terão essas linhas preenchido o fim a que as destinei, que é tempe-

rar-vos o animo de modo a proseguirdes inflexiveis no trabalho ingente em que ides empenhados.

Em minha grande e pobre Patria, que Brahma guarde e haja, os dirigentes tambem não estão absolutamente na altura do momento coevo quanto ás necessidades urgentes do poder militar da Nação, que decorrem todas d'uma unica, á qual se concatenam sem solução de continuidade: **intensiva instrucção dos contingentes incorporados anualmente em uma só epocha fixa.**

Não obstante a brachycephalia de meus patricios, não ha um que ignore o seu elementar dever de, num caso superveniente, tomar parte activa na defeza do paiz. Chegado um cidadão a esse ponto de julgamento não ha mistér nenhum esforço de raciocinio parabolico para concluir em linha recta a necessidade de habilitar-se a tornar efficaz essa sua cooperação eventual em soccorro da Patria. Eis ahi a origem simplicissima do serviço militar obrigatorio que, como já disse, nenhum chim contesta, por mais obliquo que tenha o olhar, por maior que seja seu apego ao rabicho, que aliás não n'o impede no adextramento militar.

Mão grado essas predisposições populares os dirigentes, fingindo desconhecel-as, **não querem** pôr em execução a respectiva lei. E' que, como já disse, estão atrasados: é uma condição da propria conservação o não deixarem a Força Armada aperfeiçoar-se; incapazes de acompanhar o levantamento do nível do valor d'ella, sumir-se-iam na profundidade, é pois preciso recalcar a energia latente, o aneio de erguimento afim de conservarem sua altura apparente. Isso é aliás um reflexo do que se passa no mundo civil: os mandões politicos que jámais teriam ascendido a taes postos, houvésse a verdade do suffragio n'um eleitorado esclarecido, fructos que são do analphabetismo geral, longe de combatel-o, empenham-se pela conservação do *mare magnum* da ignorancia, portanto indifferença politica popular.

Um parlamentar, patriota esclarecido, querendo promover indirectamente o advento da applicação da lei do sorteio militar, logrou da Casa Legislativa, estabelecesse a prohibição dos engajamentos.

Admittendo-se que o soldado se aperfeiçoa tanto mais quanto maior tempo estiver na fileira, e sabendo-se que dois annos são um amplo maximo para a sufficiencia de cada um, poderá alguém imaginar que um exercito (!) de quin-

ze mil homens com dez annos de praça valha tanto como um exercito de setenta e cinco mil homens com dois annos de praça ??? ($15 \times 10 = 75 \times 2$). Economicamente os dois custaram o mesmo rico dinheiro á Nação, militarmente os individuos e autoridades que concorreram para a formação do primeiro commetteram o horrendo crime de lesa-Patria, de furtar á Nação, em oito annos, sessenta mil defensores aptos.

A medida referida, associada á fixação da epocha de apresentação dos voluntarios, provaria ao cabo de pouquissimo tempo que o systema vigente é incompativel com a formação regular de um Exercito. Ficaria evidenciada a necessidade urgente de executar-se o sorteio. Para só acompanharmos n'um curto trecho a risonha phantasia das mil consequencias beneficas de tal medida, lembremos que immediatamente grande numero de meus patricios iria hyperpovoar as agora desertas sociedades de tiro, portanto nova fonte de preparo militar, de accumulção, de reserva de força.

Voltando á medida em questão, conto-lhes aqui, Srs. Redactores, que não se lhe deu cumprimento e explicou-se *inter pares*, que assim se procedia porque aquella ordem legislativa era uma perseguição ao Exercito.

Isso escandalisou as rodas militares, especialmente á tropa, tanto mais quanto é certo que o presidente, Yuan Tsi Kai, tambem foi militar, portanto educado na escola do respeito em todos os sentidos — para cima, para baixo, para a direita e esquerda (superiores, subordinados, camaradas) e assim não devia sancionar essa desobediencia official a um dos poderes harmonicos e independentes da Soberania da China.

Entre parenthesis, digamos porém, que as citadas rodas nada têm que estranhar: os habitos arraigados no mandarinato de farda são os da plena subserviencia para cima e do completo menoscabo de tudo o mais. Cada chefe põe e dispõe na sua fazenda, a seu talante, senhor absoluto na sua data da Fazenda Nacional.

A desobediencia apontada, grosseiro desrespeito do Executivo ao Legislativo, é a prova inconcutivel do que já affirmei n'outras palavras: **os dirigentes da minha China querida não querem exercito de verdade.**

A não ser em Peking e nos arredores, onde ha um pallido arremedo, no restante do paiz a situação do exercito é profundamente

desanimadora para a tropa, e ultravergonhosa para o governo da Celeste Republica.

No Thibet, por exemplo, cahiram em exercicios findos os vencimentos de Dezembro ultimo, d'aquelles corpos que não recebem directamente das alfandegas.

Nessa mesma provincia para se constituir uma expedição de um regimento contra um ajuntamento de boxers, foi preciso deixar sem soldados a officialidade de meia duzia de unidades, amontoando-se assim na imminencia de entrarem em acção, officiaes e praças que se desconhecem mutuamente, que não podem portanto ter confiança reciproca, tal qual se fosse uma milicia improvisada. Felizmente, consta-me que uma vez demonstrado que tal processo é bastante para as necessidades de uma luta armada o governo, arrojado pela força da logica e da abertura financial, vae **dispensar inteiramente a tropa, por desnecessaria, sagrando como principio da defeza da Patria, a improvisação das forças combatentes**. *Aling*

As verdadeiras causas das derrotas turcas na guerra dos Balkans.

Do Artilleristisch Monatshefte

sucessos da guerra; em parte por deturpação intencional dos factos, emprehendeu a tarefa de apontar os desastres dos Turcos como uma derrota do systema allemão e do armamento allemão, em contraste com o merito da instrucção franceza e do armamento francez: as victorias dos Bulgaros e Sérvios.

A essas affirmações infundadas se oppõe agora com toda a energia um general turco. E' o general Mehmed Ali Nuschet Pachá que quebra lanças pelos instructores allemães da Turquia, o armamento Krupp, Mauser e a munição allemã, n'um artigo da revista turca "A Defeza Nacional", artigo intitulado: *Porque foi a turquia batida na guerra dos Balkans?*

Não foi a doutrina allemã de combate nem o processo allemão de instrucção da tropa, nem o armamento allemão, a causa das derrotas turcas. As causas reaes d'esses reveses foram: *Effectivos incompletos na paz, falta de meios de communicações e de transporte, falta de munição, ausencia total do abastecimento de viveres*, isto é, falha absoluta do serviço de intendência e inexistencia de sua organização antes do rompimento da guerra*. Taes lacunas absolutamente não correspondem ás instituições e usos do exercito allemão. Ao contrario, Nuschet Pachá accentua a necessidade imperiosa de adoptar o systema allemão, porem applicando-o radical e sinceramente, para evitar taes falhas na proxima guerra — e esse conselho tem achado echo na Sublime Porta, como se deprehende do reforçamento dos instructores allemães e da ampliação de seus poderes.

O systema allemão existe apenas aparentemente ha 30 annos na Turquia; na verdade o ensino dos instructores allemães só existia no papel. A acceitação de instructores na tropa data apenas de tres

annos e sua effectiva applicação, somente de um anno.

Sob o reinado de 30 annos de Abdul Hamid era quasi um crime o official turco procurar instruir-se. Os seus estudos allemães tinham que ser clandestinos, excepção dos poucos que recebiam a graça de instruir-se na Allemanha. Acresce que o antigo Ministro da Guerra, Nazim Pachá, era inimigo da instrucção allemã e cerceava por todos os modos a acção dos officiaes allemães.

Assim, e devido ás perturbações internas constantes, os officiaes allemães não tiveram oportunidade de desempenhar sua missão no exercito turco, como fôra seu desejo. "Não obstante — escreve Nuschet Pachá — é preciso constatar que as tropas instruidas pelos allemães, lamentavelmente muito poucas, bateram-se com uma heroicidade rara na historia moderna".

Si se tivesse adoptado a reforma das instituições militares, proposta pelo general von der Goltz e pelos instructores allemães, e si a maioria dos officiaes turcos tivesse se esforçado por aprender com os allemães, os resultados da guerra teriam sido inteiramente outros.

«E' de imperiosa necessidade seguir escrupulosamente o systema do exercito allemão e applicalo em todos os detalhes».

Quanto aos ataques da mesma citada imprensa ao material turco, escreve o general: «Esses ataques têm por fim exclusivo a reclame a favor de outro armamento». Na realidade, ha de ser difficil achar um artilheiro turco que não esteja inteiramente satisfeito com seu canhão Krupp. E' unanime a opinião de que esse material sempre deu o que devia, nas mãos de quem sabia empregar-o.

O general confirma que, como é notorio, as tropas turcas tanto da infantaria como da artilharia eram em sua maior parte totalmente alheias á minima instrucção militar. Essa culpa é carregada na conta do ministro da guerra de então, o qual si não promoveu, *sponte sua*, acceitou o licenciamento de grande numero de soldados para fazer economias, e, declarada a guerra pretendeu corrigir esse erro fazendo "recrutar" sem attenção á capacidade plupica nem á instrucção militar, milhares de homens que nunca tinham pegado num fuzil nem cheirado um canhão: *a furia do numero*. Nem se fale dos homens da activa, a nenhum dos quaes fôra dada a instrucção do tiro de guerra.

Outra causa do desastre turco, como já foi dito, foi a falta de munição. Em Lülle Burgas, por exemplo, o corpo de exercito Abuk Pachá esteve quatro dias sem munição; no começo da batalha as suas baterias dispunham de 50 granadas por peça, dotação irrisoria, si lembrarmos que nos exercitos europeus cada peça dispõe de 400 a 500 tiros. Assim aconteceu que essas pobres baterias, ao cabo de menos de 2 horas tiveram que calar-se, não puderam mais prestar apoio á infantaria.

«Os canhões Krupp mostraram realmente uma resistencia superior á da artilharia inimiga. Claro é, porém, que uma tropa sem alimentação nem munição está de antemão condemnada á morte ou á fuga».

Não ha duvida que falta de alimentação foi uma causa importante do mallogro das armas turcas. Certamente a guerra teria tomado outro curso si cada soldado tivesse recebido a sua ração diaria. O soldado turco foi derrotado pela fome, pois que o reabastecimento, as columnas de provisões falharam. Os turcos dispunham somente de uma estrada de ferro até a 50 km. de Constantinopla; assim era impossivel mandar pão, nem a uma brigada: quatro corpos de exercito foram abandonados ás torturas da fome.

(*) Tudo tallado sob medida para este exercito bysantino sul-americano.

No fim de suas considerações o general Nuschet Pachá prevê e rebate o argumento de sua predisposição sympathica á Allemanha. Elle não quiz senão a grandeza e a gloria de sua Patria e seu Exercito.

« Sendo actualmente o exercito allemão o melhor de todos, nada mais justo e licito que apropriarmos de sua instrucção e seus principios fundamentaes modo a d'elles tirarmos partido ».

Klinger

Os campos de instrucção

lemos no M. W. Bl. N.º 34/1914,

estão de novo preocupando seriamente a França. A imprensa que nesse paiz, mais que em nenhum outro, é um thermometro da opinião publica militar, tem insistentemente frisado que falta ás tropas esse imprescindivel recurso para a instrucção. « Não basta que se haja imposto á Nação o sacrificio dos tres annos de fileira, sacrificio iudubitavelmente necessario á segurança do paiz; é dever do governo proporcionar as condições que não só possibilitem a instrucção da tropa, mas lhe permittam attingir o mais alto gráo de perfeição. »

Refere-se o grande numero e a extensão dos campos de instrucção na Allemanha. E n'esse sentido não se deve ceder o passo a esse paiz, pois ninguem pode allegar que o Parlamento não tenha posto os necessarios dinheiros á disposição da administração da Guerra. Ao contrario, os necessarios creditos não só fôram concedidos de bom grado, mas até votou-se mais que o pedido.

Na aquisição dos campos de instrucção tem faltado um programma nitido, assentado.

O minimo que se deve considerar como necessario é para cada corpo de exercito um campo de cinco a seis mil hectares, a fim de poder trabalhar uma divisão. O custo é questão de segunda linha: **o essencial é dar ao Exercito, que tem de defender a integridade territorial e a honra da Patria os meios de instruir-se para vencer.**

Quando ha cerca de 25 annos começou na Allemanha em grande escala a aquisição dos campos de instrucção, não faltaram vozes, algumas sem duvida muito competentes, que absolutamente não approvassem esse plano.

Com certeza seria preferivel fazer os exercicios cada anno, quiçá cada dia, em terreno differente. Mesmo os mais extensos campos de instrucção acabam exgottando a concepção de themas de exercicio; esse ponto porem custará tanto mais a ser attingido quanto maior for o campo, quanto mais rapida a renovação das pessoas «de cima e de baixo», e, finalmente, não faltarão chefes que sempre encontrarão novas concepções.

Tem especial difficuldade para o tiro o delineamento de exercicios sempre novos em distancias ainda não conhecidas. Mas ainda ha o recurso das tropas variarem de campo de instrucção.

Como quer que seja com as condições actuaes do povoamento não se póde deixar de recorrer á solução dos campos de instrucção; sua maxima utilidade está nos exercicios de tiro e nos da instrucção de conjuncto das unidades tacticas, onde se impõe a maior economia de tempo. Os francezes reconheceram isso e tomam suas disposições n'esse sentido, o que contribuirá para o aperfeiçoamento do seu exercito.

Klinger

Tactica da artilharia de campanha

Do "Löbell Jahresberichte 1913".

Klinger

Depois que a artilharia de campanha de todos os exercitos recebeu novos regulamentos de combate que levam em conta as novas idéias sobre o emprego da arma, não appareceu em 1913 nenhum novo regulamento.

A guerra dos Balkans ainda está proxima de mais para que se possa acolher os seus ensinamentos em moldes de regulamento. A litteratura militar, porém, desenvolveu grande actividade em tirar d'essa campanha conclusões para as questões pendentes da tactica de artilharia, bem como para as já resolvidas.

Conforme o ponto de vista os mesmos acontecimentos assumem aspectos differentes; assim se comprehende que muitas das conclusões acima referidas sejam divergentes.

Em geral são acceitas sem contestação as seguintes conclusões para a tactica da artilharia:

A questão até aqui aberta da possibilidade, ou não, do anniquilamento no combate de artilharia ficou resolvida affirmativamente. Uma artilharia descoberta — como as baterias turcas em Kumanowo — póde ser destruida em pouco tempo; artilharia coberta tambem póde ser destruida embora se gaste mais tempo e munição. Em geral se está de accôrdo sobre a necessidade da *luta de artilharia*, pois na totalidade dos casos o ataque da infantaria só foi bem succedido onde a artilharia atacante tinha conquistado a superioridade sobre a da defeza.

Só o fogo associado da artilharia e da infantaria (o que presuppõe aquella desembarçada da artilharia adversaria) era capaz de supplantar o fogo da infantaria inimiga.

Com a luta da artilharia resurge o princi-

pio do *emprego em massa*, o qual estava des-tituído de seus direitos pela theoria da econo-mia das forças. (Vd. Theoria de Percin e de Fayolle, N.^{os} 1 e 2 d'A Defeza Nacional).

A posição coberta justificou amplamente a sua razão de existir e sua necessidade, ten-do sido empregada mesmo para intervir no combate da infantaria. Seu inconveniente é que, devido á rasancia da trajectoria dos can-hões, em terreno de ondulações bem pronun-ciadas ficam angulos mortos diante da posição, os quaes só podem ser batidos mudando para posição descoberta, operação que é extraor-dinariamente difficultosa.

A *posição descoberta* só é utilizada quan-do fôr impossivel desempenhar a missão de combate em posição coberta; si a artilharia inimiga não estiver batida, a posição descober-ta conduzirá em geral rapidamente á destrui-ção.

Os *trabalhos de fortificação expedita* mos-traram grande utilidade mesmo em posição coberta.

A *concentração dos fogos*, que alguns rep-elliam por inexequivel, é necessaria para produzir effeito decisivo n'um ponto importan-te. O melhor resultado obtem-se associando o fogo frontal com o de enfiada.

A *direcção do fogo* deve limitar-se ao es-tabelecimento das missões e sectores de com-bate. E' preciso conceder larga autonomia aos cdtes. de grupo e de bateria para que pos-sam ser batidos com exito os objectivos em geral pouco tempo visiveis.

O *tiro contra artilharia coberta* deve ba-sear-se n'um reconhecimento de sua situação sob pena de acarretar inutil dispendio de mu-nição. Revelou-se a necessidade do emprego dos projectis explosivos com espoleta de tem-po para o tiro contra artilharia.

O apoio da infantaria pelo processo de fa-zer fracções de artilharia acompanharem-n'a á pequena distancia, em geral, deu em resul-tado o completo aniquilamento d'essa artilha-ria, quando applicado em terreno descoberto e sob os fogos da artilharia inimiga.

As *baterias de montanha* são muito apro-priadas para esse acompanhamento da infan-taria, graças á sua mobilidade e porque, devi-do á sua trajectoria mais curva, pôdem utilizar melhor as coberturas do terreno sem que d'ahi resultem angulos mortos; é da maior efficacia o fogo de enfiada, ou obliquo á fren-te, cuja consecução, porém, exige grande ap-proximação do inimigo.

A *artilharia pesada de campanha* é uma necessidade. Especialmente vantajosa é a acção

de canhões pesados contra os canhões leves ás grandes distancias, onde estes não pôdem responder devido ao seu menor alcance. O longo alcance facilita o fogo de enfiada e o obliquo. Empregam-se tambem com vantagem os canhões pesados para cobrir o desdobram-ento e o desenvolvimento do exercito.

Mesmo em condições difficeis do terreno foi possivel levar a artilharia pesada em acção.

O *consumo de munição* variou muito.

A artilharia sérvia consumiu na batalha de Kumanowo 120 tiros por peça; é preciso po-rém notar que a artilharia turca, em geral, fi-cou em posições descobertas e não contraba-tia a artilharia inimiga, circunstancias que, ambas, acceleravam a sua destruição. Afóra este caso, e exceptuadas as baterias turcas muito mal dotadas de munição, o consumo foi grande. Ha inteiro accôrdo em reconhecer a necessidade de uma forte dotação de muni-ções, (*) e por outro lado, d'uma intelligente economia no fogo.

Os *aviadores* como órgãos de observação para a artilharia não fôram applicados na guer-ra dos Balkans. Não obstante está reconheci-da a necessidade de attribuir esses órgãos á artilharia, e espera-se que seu emprego gene-ralisado terá influencia sobre a tactica da ar-tilharia de campanha.

As experiencias continuadas em 1913 de-monstraram que os aviadores empregados no reconhecimento de objectivos cobertos deram bons resultados. Quanto á observação do tiro contra taes objectivos só foi bem succedida no fogo de uma unica bateria. Uma difficultade sé-ria reside ainda na transmissão da observação feita á bateria que atira; o emprego de signa-es constituídos por certas direcções do vôo não satisfaz, e a procura dos avisos atirados do aeroplano causa perda de tempo. Pensa-se em ajuntar a esses avisos um inflammavel que batendo no chão desenvolva fumaça, marcando assim o ponto de queda.

Muito a proposito encontramos no Artil-leristische Monatshefte de Fevereiro p. p., n'um commentario do general Rohne ao Lö-bell's Jahresberichte de 1913, as seguintes considerações que tambem os nossos irmãos d'armas da Infantaria devem tomar a peito.

« Na parte referente á tactica da artilharia
« o Löbell toca a tão debatida questão: deve-se
« procurar o aniquilamento da artilharia ini-
« miga ou basta que se consiga sua neutrali-
« sação ?

(*) E entre nós ainda não existem, nem ao menos as columnas ligeiras de munição!!!

« A meu ver, pelo menos tacticamente essa questão não deve ser pósta em tão extremado dilemma. Sem duvida que a tendência deve ser a do aniquilamento: mas por outro lado, justamente nós artilheiros, devemos esperar da nossa infantaria atacante, que ella não deixe escapar o momento, talvez fugaz, em que tenhamos conseguido supplantar a artilharia inimiga, utilizando-o decididamente para avançar. Si ella não proceder assim, esperando, animada com o resultado obtido pela artilharia, que esta leve a cabo o aniquilamento da adversaria, então, provavelmente, terá muito que esperar antes que expulse o inimigo de suas posições. »

Que simplicidade, que vigor de raciocínio! É o principio básico da moderna tactica de combate — a cooperação das armas — mantido em sua plenitude. A artilharia collimando o aniquilamento da adversaria não pretende que resurja o antigo duello preliminar, durante o qual a infantaria assiste á lucta como simples espectadora, a ver si a actividade do seu camarada que atira de longe não bastará para alcançar o resultado que para ella, atirando de perto e descoberto, custará tantos sacrificios! Não! A cooperação não consiste n'uma superposição chronologica de esforços, mas na sua constante reciprocidade, cada uma das armas tirando sem vacillação o maximo partido do apoio proporcionado pela arma-irmã, isto é, actividade solidaria no tempo e no espaço.

Com este numero distribuimos as duas cartas, Metz e Verny 1:25000, necessarias ao 1.º thema de Griepenkertl.

Poderão assim os nosso leitores estudiosos, para quem o assumpto fôr novo, estudar e formular uma solução afim de confrontal-a depois com a do mestre.

De alguns camaradas temos sabido que pretendem *lêr depois* os fasciculos que publicamos. Ora, a principal vantagem dessa distribuição parcellada é justamente proporcionar a leitura gradual, reflectida, sem a attracção acceleratriz de quem quer vêr o fim do grosso volume que será a obra completa. Reflectam esses camaradas de que, a persistirem nessa lamentavel fraqueza de vontade, serão incluídos nas negras fileiras do fradismo militar jemenfichista.

Klinger.

Efeito das armas, numero de baixas e custo da campanha nas guerras dos Balkans

O efeito das armas empregadas nas duas ultimas guerras balticas pouco adiantou ao que já se conhecia da guerra russo-japoneza. Pela primeira vez porém se utilisou nestas campanhas a bala pontaguda, adoptada pelos turcos e identica ás balas allemãs tambem empregadas no nosso fuzil m/1908. Pelo exame dos ferimentos produzidos por esses projectis verificou-se que elles determinam maior rompimento dos vasos sanguineos e dos tecidos nervosos que a bala ogival mas em menor escala do que autorisavam a concluir as experiencias de tempo de paz realisadas na França e na Alemanha.

Devido á irregular distribuição dos pontos de arrebentamento dos *schrapnells*, 49% dos balins produziram apenas contusões.

Sobre a perda dos belligerentes e o custo da campanha para cada um dos Estados balticos e para a Turquia, é muito interessante a seguinte estatistica organizada pelo Barão von Mackay e publicada no n. 36 do «Gartenlaube»:

ESTADOS	Effectivos dos Exercitos	Mortes e ferimentos graves				Custo da campanha em milhões de marcos		
		na 1.ª guerra	o/o	na 2.ª guerra	o/o	na 1.ª guerra	na 2.ª guerra	Total
Bulgaria	300.000	80.000	26 6	60.000	20 0	1 200	720	1920
Servia	200.000	30.000	15 0	40.000	20 0	620	400	1020
Grecia	150.000	10.000	6 6	30.000	20 0	280	500	780
Montenegro	40.000*	8.000	20 0	—	—	16	—	16
Turquia	400.000	100.000	25 0	—	—	1.600	—	1600

Até a primeira suspensão das hostilidades em Janeiro de 1913 os bulgaros tinham tido 42.090 perdas isto é, 12 % do effectivo; os servios 18.000 = 10 %; os gregos 9.000 = 5, 15 %. Quanto á s perdas dos turcos e dos montenegrinos nesta parte da campanha não existem até hoje dados utilisaveis. Na batalha de Lüle — Burgas os bulgaros perderam 17.500 homens; em Kumanovo os servios tiveram 4.500 baixas e em Monastir 3.500. Em determinadas occasiões certas tropas soffreram perdas excepçionaes. Um regimento da Divisão de Drina sacrificou em Monastir 50 % do seu effectivo. As baixas de officiaes foram principalmente numerosas do lado dos bulgaros e representavam quasi 1/4 das baixas totaes. A explicação deste facto, está em que os officiaes bulgaros vestiam uniformes de côres mais vivas que os soldados, 8. até 12 % das baixas devem ser consideradas mortes.

Em algumas unidades que tomaram parte nos combates á pequena distancia, 1/3 dos impactos determinaram morte immediata. Dos feridos morreram nos «postos de soccorros» 5 % e nos «lazaretos de campanha» 2,45 %.

Dos ferimentos de combate 88 % foram produzidos pela bala de fusil, 11,6 %, pelos projectis da artilharia e 0,4 % pela bayoneta.

Os ferimentos foram assim distribuidos pelas partes do corpo:

(*) 16 % da população.

Cabeça e pescoço	11, 2 ⁰ / ₁₀
Peito	8, 8 ⁰ / ₁₀
Barriga	4, 2 ⁰ / ₁₀
Costas	2, 8 ⁰ / ₁₀
Membros superiores	27, 6 ⁰ / ₁₀
Membros inferiores	43, 3 ⁰ / ₁₀

No theatro de operações grassaram as seguintes molestias: cholera, typho, dysentheria e febres recalcitrantes. Diariamente adoeciam 22 por mil e destes morriam 16 por mil, o que representou pouco, attendendo ao desconhecimento quasi completo de hygiene dos exercitos em campanha, quer de parte dos turcos quer dos colligados.

Além dessas perdas, da propria natureza da guerra, é preciso tambem registrar que nas campanhas dos Balkans occorreram tambem mutilações de feridos, assassinatos de prisioneiros indefesos e de habitantes pacificos, além do incendio das povoações etc. Cada um dos generaes em chefe atirou sobre o adversario a culpa dessas barbaridades. Jámais ficará averiguado qual foi o mais cruel.

Klingar

Uma mobilisação. Extrahimos de nossa collega de Porto Alegre, a sympathica «Revista dos Militares» a seguinte noticia relativa ao 7.º Reg.º de Infantaria:

«Por ordem do Ministerio da Guerra seguiu a 18 do corrente de Santa Maria para a estação Miguel Calmon, da E. F. de S. Paulo — R. Grande, o 7.º Reg.º de infantaria, levando 2 secções da 4.ª companhia de metralhadoras que estaciona tambem em Santa Maria.

Ao 7.º Reg.º foram incorporados contingentes de praças do 8.º, 9.º, 10.º, 11.º e 12.º Regimentos da mesma arma e alguns officiaes do 8.º e 9.º

Essas forças destinam-se á 11.º Região para, com as d'alli, baterem os fanaticos de Taquarussú.

Felicidades desejamos aos abnegados companheiros de armas.

Por enfermo baixou á enfermaria de Santa Maria o commandante do 7.º Reg.º coronel Affonso Grey Marques de Souza e por haverem dado parte de doente em viagem baixaram á enfermaria de Cruz Alta o 1.º tenente Manoel da Silva Perdigão e o unico medico dessas forças capitão Dr. Pacifico Carlos Pinna Guimarães, seguindo a ambulancia com o pharmaceutico 2.º tenente Vespasiano Garcia de Figueiredo Rizzo.

Este novel official, no periodo de menos de 4 annos, conta já 3 expedições: uma de Dezembro de 1910, desta capital para o Rio, com o 56.º de caçadores; com esse mesmo corpo em 1913, do Rio para o Ceará; e agora esta com o 7.º Reg.º, deste Estado para os do Paraná e Santa Catharina. Que os seus ser-

viços sejam recompensados futuramente são os votos da «Revista dos Militares.»

A leitura destas linhas e as noticias de que, por carta, posteriormente tivemos conhecimento, patenteam bem as difficuldades com que nosso Exercito ainda luta para mobilisar mesmo uma pequena força, revelando, a despeito de uma reorganisação encetada ha cinco annos, que nossos chefes ainda são forçados a vasar as suas providencias nos velhos moldes do Exercito antigo, e que máo grado as affirmações em contrrio *o paiz está inteiramente indefez.*

Não foi incontestavelmente só o 7.º Regimento que marchou de encontro a um inimigo que tem a seu favor a zona em que opera e rivalisa em bravura com as forças regulares: segundo a noticia, n'elle ajuntaram-se os elementos de todos os seis regimentos das duas brigadas estrategicas do Rio Grande do Sul, inclusive alguns officiaes do 8.º e 9.º

Por menores que sejam os inconvenientes que este processo de *subscrição* possa apresentar, elle vem reunir, na frente de um inimigo muito bem emboscado, elementos heterogeneos sem cohesão nem instrucção uniforme, (admittindo que tenham alguma). Pois que unidade de doutrina é cousa mal firmada ainda entre nós, e, factor importantissimo, sem a imprescindivel confiança em chefes que se renovam e improvisam, em consequencia de lamentaveis *enfermidades!*...

Um desastre motivado por abalroamento no trem que os conduzia e que acarretou varios ferimentos, justamente quando lhes faltava o necessario facultativo; as difficuldades de aprovisionamento que lhes determinaram, no quarto dia de marcha, a *mobilisação da fome*, como pittorescamente por ahi se diz; e a exiguidade de munições com que contam *junto a si* para o primeiro embate, completam o moral deste puxado de homens que receberam a missão de conquistar uma *facil* victoria sobre bandos irregulares de sertanejos.

Cidade

Apresentações. Muitas velharias são entre nós conservadas sem que tenham uma explicação plausivel. Não se coadunam com as exigencias de um exercito moderno, no qual tudo collima, em ultima analyse, o preparo da tropa. Assim succede com as taes apresentações, tão do gosto dos que *não querem ser esquecidos*, as quaes, com as frequentes alterações pessoaes, constantemente afastam um consideravel numero de officiaes dos seus affazeres militares.

Esse habito detestavel, ridiculo, remonta sem duvida aos tempos em que, por exemplo, um exercicio geral de batalhão era um acontecimento extraordinario; coincide tambem, que nessa epoca, que é de hontem, o batalhão era unidade independente, não havia regimento, nem brigada, portanto qualquer alteração nessa unidade era levada ao conhecimento do superior immediato, o *general*, mediante apresentação pessoal.

Com a nova organização, exigiria a logica, que as apresentações por alterações no batalhão fossem sómente até ao novo superior immediato — o ced. do regimento. Mas a logica sobrepõe-se o *espirito pratico*: as apresentações vão, *como antigamente*, até aos generaes. E ha tanta gente que gosta de se apresentar!... Aqui, é um que, tendo assumido o commando de um batalhão incorporado, tira o dia para *apresentar-se*; alli é outro que foi nomeado para um inquerito, ou para um conselho, ou porque foi promovido ou transferido, ou porque chegou d'aquelle lugar ou parte para est'outro, ou que vae abrir um caixão de fardamento, ou porque não vae mais abril-o, etc. etc. etc.

Em exercitos de verdade, ninguem interrompe o seu serviço por motivo de uma apresentação. No corpo isso é feito n'alguma hora de folga, e ás autoridades superiores são apresentados pelo cdte. do corpo os officiaes promovidos ou transferidos quando ellas vêm, a serviço, ao respectivo quartel ou quando o encontram no campo de instrucção.

Aliás, só quem não reflecte um pouco sobre o nosso abuso de apresentações, a pretextos verdadeiramente infantis, não descobre, alem da já apontada falta de logica, que essa pratica equivale a uma despedada demonstração de que não se tem o que fazer.

E no exercito só não tem o que fazer os *frades*, sem Patria, dos diversos schismas da grande religião da inercia militar.

(É interessante a etymologia d'essa locução — inercia militar: provém da corruptéla da antiga — *Ignacia militar*.)

Metralhadoras com a linha da mira independente da alça.

Eutre diversos melhoramentos nos órgãos de pontaria da metralhadora, realizados pela casa Goerz, noticia o Snr. General Rohne que foi feita a separação dos dois elementos da pontaria: angulo de sitio (visada) e angulo de tiro (alça).

A essencia d'essa «linha de mira independente» consiste em que apontada uma arma

de fogo para o objectivo, póde-se alterar o angulo de tiro sem que isso modifique a situação da linha de mira (visada). Está claro que isso augmenta a rapidez da promptificação do tiro.

Nos antigos aparelhos de pontaria é imprescindivel commandar a alça e assim gradual-a, antes de fazer a visada; e a cada alteração da distancia repete-se essa dupla operação. Com a linha de mira independente o apontador póde fazer sua pontaria logo que esteja na posição de fogo; elle não precisa esperar pelo commando da alça que talvez ainda tenha que ser avaliada. Commandada a alça elle não tem mais que mover um volante de elevação, estabelecendo a coincidência de um index com a escala da alça.

Ha 12 annos, no N.º 89 do M. W. Bl., já o general Rohne n'um artigo intitulado «Pensamentos sobre o tiro da metralhadora» chamava a attenção para as vantagens da linha de mira independente. *Klinger.*

LIVROS NOVOS

Les études militaires en France et la preparation du haut commandement. Lient. colonel Ragueneau. Berger Levrault. frs. 1,50.

Sur le theatre de la guerre des Balkans.

General Herr (de l'art française). B. L. frs. 2,50.

Le combat de cavallerie. Les doctrines et la réalité. General Aubrier. B. L. fr. 1.

Notes sur le canon de 75 et son reglement, à l'usage des off. de toutes armes. Cap. Morlière. B. L. frs. 2.

Les preliminaires du desastre des Turcs. General Palat Chapelot. fr. 0,50.

Les probabilités d'une guerre franco-allemande. Id. Id. fr. 0,60.

Comment l'Allemagne prepare la guerre. Capt. A. de Tarlé; Chapelot, fr. 0,75.

Obusiers de campagne et artillerie lourde.

Capt. Glück; Ch. frs. 1,50

Le Formazioni meno vulnerabili della fanteria e l'impiego del fuoco di fucileria. Scuola d'applicazione di fanteria. Parma 1913. Tipographia Cooperativa Parmense.

Reglement de manoeuvre de la cavalerie japonaise. Capt. B. Livraria Fournier, Paris, frs. 2.

Le règlement de manoeuvres d'infanterie en France et en Allemagne. E'tude et comparaison.

Furnier, frs. 2.

Ministère de la guerre; Ch. Lavauzelle, Paris.

Service interieur des corps de troupe d'infanterie, arrêté au 28-8-13 frs. 2.

EXPEDIENTE

«A DEFEZA NACIONAL» deixa aos seus colaboradores a inteira responsabilidade das opiniões que emittirem em seus artigos.

Dirigir toda a correspondencia para A DEFEZA NACIONAL — caixa postal 1602, Rio — Vales postaes ao portador.